

ABRINDO PORTAS



Ana Lúcia M. Marins

ESCLARECIMENTO

ABRINDO PORTAS

Muitos Espíritos na sua estada na Terra se deixam arrastar por situações, envolvimento que os comprometerão por séculos até que seja resgatada a última dívida. São arrastados pela força do comprometimento da Lei de Causa e Efeito, que eles mesmos semearam para si e para os seus afetos e desafetos retardando assim a felicidade que tanto almeja.

Abrindo Portas trás histórias de Espíritos em ajuste com a Lei, Espíritos afins, Espíritos em prélios, Espíritos que deixaram conduzir-se pelas paixões, pelo poder, pelo domínio e pela vingança. Espíritos que olvidaram as Máximas Crísticas, se envolvendo cada vez mais nas teias das ilusões terrenas. Enquanto não se libertarem, se despirem de todo egoísmo que os prendem ao imediato, não poderão alcançar o ápice sublime, e vislumbrar novos horizontes em sentido da própria verticalização.

"Conhecereis a verdade e ela vos libertará" esta é a chave da redenção levada a todos por Jesus, e essa a única verdade que devem buscar.

Todos que estão mergulhados no invólucro carnal não se descuidem disso, ninguém responderá por vós, pois não são inocentes perante a Lei, não são injustiçados, e saibam que as provas podem ser vencidas, só depende da vontade de cada um.

Aqui nestas páginas poderão acompanhar a saga de Espíritos encarnados e desencarnados manipulando mentes com a desculpa de estarem ajudando. Sabemos que onde há manipulação, há falta que depõem contra o Livre Arbítrio e contra o Próprio Espírito manipulador.

"Conhecereis a verdade e ela vos libertará", da vida receberás lições para o vosso burilamento e o Nazareno há dois mil anos vos trouxe as regras: Amor e Caridade.

E Ele é o caminho, a verdade, que precisais mais? Só Ele está imune às considerações e julgamentos terrenos, mas não podemos afirmar o mesmo para com um outro Espírito, ou poderão está olvidando outro ensinamento: 'Serão cegos guiando cegos'.

Atentai, não vos descuides do discernimento e Sigas a Jesus, sempre!

Porque onde estiveres, com quem estiveres e em que situações estiverem podem sem que se apercebam disso estar sendo envolvidos ou entrando na trama que os prenderão, nas teias do labirinto.

Gabriel

"Espírito ou alma, nomes diferentes para designar a mesma coisa, a diferença está apenas no estado que se encontram. Em ambos estados não perdem a essência, seja no frasco carnal ou fora dele, o Espírito trás consigo o Perfume de Deus!"

* * *

TODOS TEMOS À CHAVE DO CONTATO

A Doutrina Espírita me abriu muitas portas, estendendo a minha visão para além das paredes carnisais que me encerravam. Mas outros caminhos também me deram chaves e portas para que eu buscasse novos horizontes. Jesus nos disse: *Buscai a verdade e ela vos libertará.*

O próprio Kardec repetindo as palavras de Paulo de Tarso: - *Ler tudo e reter o que é bom nos estimula* novamente a buscar.

Devemos sempre por nós mesmos vê o que está certo ou errado, não criticar ou se achar os detentores da verdade absoluta, o que é a verdade? Por mais que busquemos não encontraremos a verdade absoluta aqui na Terra, diria que a verdade absoluta está em Deus, e as partículas d'Ele só trás um pouco dessa verdade, pois ainda não pode comportar o todo.

Dentro dessa liberdade fui mergulhando na nossa essência, digo nossa, porque busquei todas ou quase todas que eu fui, é claro, até onde nos foi permitido ir. E trilhando esse caminho pessoal reencontrei muitos amigos pessoais e também aqueles que chamamos de inimigos.

Nesta caminhada percebi que tudo está intrínseco, que estamos todos aqui experienciando juntos e cada um trás em si um pouco para que o outro aprenda, para que possamos aprender também. Se soubéssemos tudo com certeza já não estaríamos mais aqui.

Alguns vão perguntar se este livro é ficção, psicografia, se essas histórias são histórias ou estórias da minha imaginação? Não permita ater-se a isso, busque do frasco a essência e pela essência o perfume que identifica você, ou que possa te levar a refletir além do mundo da cor e das formas... Além, no páramo da luz.

Ana Lúcia Marins

"O presente está jungido ao passado e ao futuro, atentai, pois para as provas que lhes são confiadas, porque estão escrevendo hoje o vosso amanhã".



CONHECENDO ANA

FRASCO & ESSÊNCIA – Passado, Presente, Eternamente!

Ana levantou e foi passar o café.

A realidade de ontem, a realidade de hoje a esperava. Precisava fazer tantas coisas: varrer, lavar a louça do jantar, bater a roupa e passar as entulhadas há semanas. Depois de tudo isso ainda se aprontar para mais uma entrevista de emprego.

Levou uma xícara de café para a amiga, mas Laura já havia saído para o trabalho, pelo menos alguém estava trabalhando naquela casa, pensou.

A situação do país, do mundo estava cada vez mais difícil, e felizes daqueles que tinham seus empregos ainda, porque os demais estavam entregues a própria sorte e nos tempos de hoje estava quase impossível acreditar que a sorte existisse.

Tudo hoje é uma estatística e para eles lá de cima, esta é tão fácil e simples como aprender conta de somar. Só que nesse mundo capitalista, a maioria em todos os sentidos não sabe mais o que é somar, pelo menos incluindo os outros. Na tabuada da vida só temos aprendido, nos ensinado a subtração e só se conhece o sinal dela.

Não arrumei a cama, onde coloquei o pano de tirar poeira? Na volta preciso passar no supermercado.

As coisas materiais sempre foram um empecilho para as espirituais, assim foi com Sidarta Gautama, Francisco Bernadone, Clara de Assis, Madre Teresa de Calcutá e tantos outros mais que se despojaram da riqueza material e viveram plenamente as espirituais.

É tão difícil essa vida corrida, ou seja, deixar o material ou pelo menos conciliar o material com o espiritual. Quando fazemos geralmente é entre um trabalho e outro, ou entre o trabalho e uma

folga, pior, na maioria das vezes no tempo que nos sobra. Dentro de todos os Ismos religiosos são poucos os seguidores que não se enquadram na parábola do óbolo da viúva. Creio que eu sou uma delas, - ela constata. Ana vai até o espelho – ter consciência disso só aumenta a cobrança. Por mais que doa não temos como enganar a Deus, aos nossos anjos e guias, pior! Não temos como enganar a nós mesmos, por que então preferir a ilusão? Dizer: - eu sou Ismo Cristão! E daí será que a ação, o tratar uns para com os outros confirma isso? Se Jesus voltasse hoje será que não nos chamaria de hipócritas? – Ana se afasta do espelho.

Ela lembra de Píton, um mago ou um anjo, ou um guia amado, que sempre esteve com ela, acalentando, respondendo na medida do possível suas indagações. Não sei se ele é católico, espírita, budista, judeu, ateu, ou muçulmano, é ele nunca me falou. Será por que isso não é importante?

Ele trazia no dedo, um grande anel de ouro com uma serpente.

Acho que lembrei disso após esse sonho com a serpente.

Lembro que Píton dizia, para que eu sáisse da cela da ignorância, enquanto eu estivesse dentro dela não veria o que tem além das paredes, das grades. Píton dizia que quando tomamos conhecimento da luz, também tomamos conhecimento da sombra, e é uma libertação para o Eu cego, discernir e se posicionar.

Perguntei certa vez ao mago, como podemos galgar o caminho espiritual estando atados ao material? Ele disse que é simples, que o Espírito vive num corpo e não um corpo vive no Espírito. Disse também que ele trabalha, faz compras e joga futebol, todos os magos fazem isso e que devemos aprender a fazer o mesmo. Ele disse as palavras de Jesus – “Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. – quem é esse mago que trabalha, joga futebol? Ele está por aí, entre o sonho e a realidade. Ele está dentro e fora de nós, em pequenas coisas e nas grandes também, foi ele que me ensinou a prestar atenção nos sinais. Assim aconteceu com Isaac Newton, com uma simples queda de uma maçã, uma coisa simples e pequena, mudou a lei da física.

Tudo isso passa em minha mente e escrevo, sinto essa necessidade de passar essas reflexões para o papel.

As serpentes saem dos ovos, rompendo as membranas para luz e é assim também com os pássaros. Os homens parecem desconhecer que existe uma membrana destas em seus olhos. Nasceram e morrem e renascem e morrem novamente, e continuam cegos.

Os nossos caminhos estão cheios de sinais, mesmo que venhamos a nos arrastar, mesmo que venhamos a voar.

Não precisa ser o caminho de Santiago, ou de Jerusalém, os sinais estão presentes no caminho do supermercado, do shopping, desde que tenhamos olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Foi às duras penas, alias as duras cascas que descobri que fazemos um caminho tão místico como todos os outros, porque nós apenas nós, fazemos unicamente esse caminho. Para ver isso antes é preciso ter consciência do que se é, do que se quer ainda dentro do ovo e ao romper a casca, rasgar a membrana, saber que tudo veio de dentro para fora.

A casca é tudo aquilo que nos prende a determinada coisa, a determinado conceito, a determinada situação, não vou evidenciar nenhuma, cada um tem a sua.

O que aprendi que se não as vigiarmos, elas crescem novamente, e mais forte que antes.

Preciso fazer almoço, colocar os sacos de lixo na lixeira...

... Que horas são? Preciso me arrumar para entrevista... Chiii! Ainda não li o jornal.



OS SONHOS SÃO PORTAS

Eu nunca vira uma cachoeira tão bela, parecia que tinha saído dos contos de fadas que não cansei de ouvir na infância.

Flores miúdas se estendiam como precioso tapete natural ao longo das margens da cachoeira pareciam delicados bordados feitos pela natureza.

Eu sabia que estava sonhando, não conhecia um lugar como aquele. Será que os magos e os mestres já estiveram ali?

Vejo um garanhão aproximar-se para beber água. Seu pelo é tão brilhante como uma noite estrelada. Ele percebe a minha presença, mas não se abala, continua se banhando indiferente. Seu porte altivo, é de singular beleza.

O sol rutilava em ouro nos copados, sombreando e cintilando nas águas cristalinas.

Róscidos irisados pelas flores pareciam jóias mimosas, formando lindos colares ornamentando a mata que ali principiava.

A água que antes estava plácida se agitou, chamando de imediato a sua atenção. Subitamente algo emergiu! Irradiava uma luz dourada muito bonita, era uma serpente, uma naja como as retratadas pelos egípcios. Suas escamas eram douradas e levemente rubras no contorno, reluziam como milhares de pontos de luz ao reflexo do sol.

A serpente olhava, parecia que a estudava ou coisa parecida. — Eu não estava com medo, algo dentro de mim dizia que não havia o que temer.

Estranho não temer uma serpente, aprendemos que foi ela que fez a humanidade perder o paraíso, foi ela que impulsionou a humanidade a buscar além das fronteiras do Éden.

A serpente continuava olhando-me inabalavelmente, parecia estar inteirada de meus pensamentos.

Subitamente aquele animal fez contato telepaticamente, como isso poderia ser possível? Mas era um sonho, e nos sonhos tudo é possível. Sim estava acontecendo, a serpente estava se comunicando, só que em uma linguagem que não conseguia entender. Minutos se passaram, a serpente continuava transmitindo numa língua estranha. — Ana tentava descobrir, mas não entendia que a serpente falava com sentimentos. A serpente, porém sabia que no tempo certo o que estava sendo passado por ela seria compreendido, desde que ela, Ana, vencesse as barreiras dos preconceitos, das formas e aparências. Quando esse tempo chegasse, ela ouviria o seu coração e ele traduziria e a alma poderia por fim ver o real, o verdadeiro.

A comunicação cessou, o olhar penetrante do réptil adentrou no seu, a mulher não temeu aquele olhar, nem o olhar era para ser temido.

A serpente dourada voltou e mergulhou.

Ana mergulhou tentando encontrá-la, mas inutilmente, ela havia sumido, assim como o garanhão, a cachoeira. Tudo ficou longe... Caminhos sinuosos, contorcidos como as serpentes, mistérios dos sonhos, da mente que findou ao passar pela porta ao despertar.

A dor foi intensa vindo da coluna, terminando no ânus, sabia que era a energia kundalini despertada.

Entrou em prece por longos e dourados minutos e naturalmente se deu *a Iniciação!*

Isso ocorreu a quatro anos passados e na época ela não podia sequer imaginar que ali seria o principio de tudo, de uma nova visão, pois abriram naquele instante **novos horizontes**.

HOJE

Muita água rolou. O que fui ontem, hoje não sou mais nem sombra daquela que fui a quatro anos passados.

Na verdade mudamos a cada instante, assim como uma nuvem, a cada segundo adquire uma forma diferente. Sabe, é que o tempo é tão corrido que nem nos apercebemos que a cada momento estamos diferentes, estamos sentindo diferentes, vibrando diferente.

Creio que o fogo serpentino deu-me asas, e esse fogo abrasador libertou o meu espírito.

Sonhar com serpentes diz o ditado popular que é traição. Na época eu despertei assustada, principalmente pelo fato de ter sentido dor.

A serpente sempre a vilã. Foi ela que induziu Eva a comer da árvore da ciência do bem e do mal, mas por que a serpente estava ali? Por que essa árvore estava ali? Por que Deus evidenciou essa árvore, colocando-a no meio do jardim? Ele sabia o que poderia acontecer, porque se não soubesse, não seria Deus, portanto Ele sabia e não queria apenas testar a obediência do homem.

E Deus enviou do céu serpentes ardentes e muitos morreram. O mesmo Deus mandou Moisés, fazer uma serpente de bronze e o homem que fosse picado pelas serpentes ardentes, olhando para a serpente de bronze, ele não morreria.

Por que os homens não param para pensar nisso? Aí tem uma chave, todas *as palavras da Bíblia são chaves*, e cabe a nós encontrar *as portas*.

As serpentes sempre foram vistas no ocidente como algo mal, já no oriente, elas são veneradas.

A própria Bíblia, mostra duas faces, mas tenho certeza que atrás de sua linguagem enigmática, há milhares de cadeados esperando para serem abertos.

Paro e penso nisso e escrevo. Talvez para eu ler um dia, quando estiver cansada demais para buscar os cadeados, as chaves e as portas, mas quem sabe caia nas mãos de outros, que querem mais que portas fechadas.

A Bíblia, o livro da salvação para muitos e desprezado por outros tantos, apesar de toda a manipulação dos homens, Ela é o livro de Deus Homem, um livro mediúnico.

No limiar dos *homens – deuses* bastam acreditar que ficção é um sonho exposto, são as asas mansas de uma pomba, enquanto a realidade prudente da serpente impulsiona o homem a percorrer o seu próprio caminho.

Nota: Passagens bíblicas. NUM. 21,9
Gn. 3,14

G

O TEMPO

Desço as escadas correndo, será que estou bem?

Ganho a calçada, caminho em passos largos. Olho em torno, os arranha-céus, as vidraças, será que atrás delas há também buscadores assim como eu?

Os minutos passam e estou sentada na sala de espera e comigo estão... contei até cinqüenta. Cinqüenta pessoas desempregadas, cinqüenta pessoas presas à realidade do pão, do aluguel, da roupa já surrada e o sapato gasto.

Como buscar o espiritual se a fome, o teto, as contas nos cobram a realidade? Como fazer curso da Nova Era, se a geladeira está vazia?

O tempo corre e os ponteiros do relógio não param.

As pessoas parecem querer correr atrás, ou do lado, mas poucas conseguem acompanhar a roda que gira, essa roda que estamos envolvidos.

Expressões nervosas na sala de espera.

A porta abre, a porta fecha e passam por ela felicidade e dor que serão ou não carimbados na carteira azul.

O silêncio é grande, parece que pararam naquela marca da vida.

Chamam o meu nome, levanto rápido levando nas mãos a carteira azul e ultrapasso pelos umbrais daquela porta... é tudo foi tão rápido!

O emprego não foi meu, mas certamente foi de alguém que está precisando mais do que eu.

Não foi desta vez, mais será a próxima, ou a próxima.

Sabe de uma coisa, nunca devemos desistir, seja em que situação for, somos guerreiros! Guerreiros muitos amados por Deus, pelos anjos, pelos seres do Universo em todas as dimensões!

Eu sou uma buscadora, estou buscando o meu crescimento pessoal, mas sei que só conseguirei esse crescimento se abaixo de mim tiver degraus, se acima de mim tiver degraus, ninguém sobe ou segue sozinho; assim foi com Jesus, com Sidarta, Francisco de Assis, Clara de Assis, Madre Teresa de Calcutá.

Creio que aí tem uma chave, esses iluminados deixaram para nós a chave, precisamos buscar em nós a porta.



OS CAMINHOS

Continuo o meu caminho, não o caminho de Santiago, não o caminho da Terra Santa e sim o caminho que tenho feito todos os dias.

Ele é de pedrinhas portuguesas e asfalto e lama.

Os transeuntes passam pelas ruas, reparo que ninguém olha o rosto de ninguém e as vitrines refletem tudo isso.

Os cristais estão expostos, assim como as flores, são tantas, e de variadas cores e os camelôs gritam e vendem de tudo, _ vai um relógio aí dona?!

Olhos para o céu recortado pelos arranha-céus, às vitrales refletem o sol.

Cidade grande, tanta gente, eu vejo perfis humanos atrás das janelas.

Alguém pegou a minha mão, é uma cigana, e ela ler nas linhas da minha mão, ela fala.

— Quando encontrar parte da mesma parte, fogo do mesmo fogo, encontrarás a alegria e também encontrarás a tristeza. O reencontro será o céu, mas estarão tão longe e tão perto, e o céu será também o inferno.

Puxei a minha mão e fechei, olhei para ela e perguntei quanto devia?

— Nada. — foi a sua resposta e ela se afastou fazendo um gesto de reverência.

Saí dali em passos largos, atravessando ruas sem esperar o controle dos sinais, dobro esquinas e rostos sem traços passam por mim. Detenho-me diante da Paróquia de Santa Clara e algo me impulsiona a entrar e dessa vez não me detenho.

Os meus passos agora são indecisos, paro na porta e meus olhos buscam e repousam sobre a cruz. Lembro do Crucificado, do caminho percorrido por Ele. Fechando os olhos posso vê-lo, descalço arrastando a cruz. Posso ouvir os impropérios que lhe eram dirigido, _ Maldito, maldito nazareno! O seu trono é Gólgota, lá irá reinar para sempre! — A Paróquia está vazia, vazia de gente, olho a imagem de Mãe Maria, sinto-a tão próxima, tão em mim. Acho que Ela sabe mais que ninguém o que nos espera como sabia o que esperava para o Seu Filho, quantas vezes antes Ela subiu naquele monte chamado Calvário e rezou. Queria ter a Sua força, e me entregar sem reservas e poder suportar com sublimação, os caminhos de pedras.

Lembro da cigana na rua, ela disse a verdade, só se esqueceu de acrescentar que o passado é presente e o presente foi passado.

Lembro que no caminho encontrei uma medalha de Nossa Senhora Negra, a Nossa Senhora Aparecida, e a partir dali, a minha vida teve outra direção. Na época dei pouca importância para uma medalha, nunca tive simpatia pela igreja católica, amava Jesus sim, mas Ele nunca foi propriedade de nenhuma igreja. Ele sabia o que iria acontecer, se sem o Seu Corpo já disputam sua posse, em Seu Nome guerreiam e matam. Os santos que sempre admirei, foram Clara e Francisco de Assis, porque o caminho da espiritualidade partiu do Espírito, tudo que eles passaram, vivenciaram, sem pompas e ostentações.

Meus olhos se voltam para a cruz, dizem que Ele é um Deus fraco, o Deus da cruz! Eles não compreendem que Ele é um Deus forte e tão Grandioso que se deixou matar, por meros mortais e subiu aos céus Vivo, para que vivêssemos! Nenhum outro Deus morreu por nós, e nenhum outro Deus continua fazendo esse caminho de espinhos e pedras ao nosso lado.

Ele foi crucificado, morreu entre desonrados, deixou de ser menos Deus por isso? E repetem com a mesma força de há dois mil anos — Ele é um Deus fraco, o Deus da Cruz. — se eles soubessem a força da Cruz, o que foi na época martírio, hoje é libertação!

Ele está de braços abertos, na cruz...

CRUZ, como podemos esquecer? Ela foi o símbolo da totalidade, é a representação dos opostos; o seu lado vertical representa o fogo, é o aspecto divino e espiritual do homem; e o horizontal lembra a superfície da água, revelando a paz, o compartilhar, a união dos homens e seus dons. O cruzamento trás o equilíbrio, da divindade e do indivíduo, como uma só célula, a humanidade una para formar o corpo do Deus manifestado.

Cruz, cruzado, cruzeiro, crucifixo, cruzamento (cruce, crux - latim), ela nunca foi um símbolo de morte como os romanos fizeram e Jesus veio recuperar isso.

Per cruceem ad rosam (pela cruz chega-se á rosa), assim diz os membros da Fraternidade Rosa-Cruz.

Olho para o rosto de Mãe Maria, sublime Rosa Mística de Deus.

Lembro-me do relato sobre as rosas que caíram com a morte de Santa Terezinha do Menino Jesus, sim caiu uma chuva de pétalas... Pela cruz chega-se à rosa.

Caminho na nave, o silêncio é tanto que ouço os meus passos.

Não consigo desviar meus olhos Dele, e ouço o arrastar daquela cruz, porque não dizer da minha, da sua cruz. Cruz que Ele carrega conosco até hoje, quando caímos, quando levantamos, quando a dor dilacera o coração e Ele vem e nos consola.

Erguem a pesada cruz, enterrando-a no chão, para que suporte o peso daquele corpo de mais de um metro e oitenta, eles socam em sua volta pedras, batem... Batem, posso ouvir martelando em meus ouvidos, em minha alma.

O Nazareno espera, seu corpo escarnecido, suor e sangue se misturam escorrendo por aquele corpo quase nu. Seus olhos não escondem tanta tristeza, expressam fielmente a dor em Seu Coração, em seu Espírito, só uma mulher sente aquela mesma dor e essa mulher, é Maria.

Maria Sua Mãe reza ajoelhada aos pés da cruz, aos pés daquele que foi o Amor Crístico Vivo! Só que os homens não sabiam e não sabem a Grandiosidade desse Amor. Maria Madalena se ajoelha ao lado da Mãe Daquele que ela tanto ama. A sua dor não era menor, mesmo que o seu amor por Aquele pregado na cruz fosse diferente.

Fechando os olhos posso ver, como o vejo lá no altar a representação através de uma imagem. Mal posso ver seus olhos ensangüentados e seus cabelos emplastados pelo mesmo, sobressaindo à coroa de espinhos.

Não, Ele não foi um Deus fraco, porque fora Deus homem, se sujeitou à pequenez humana! Se não foi aceito por muitos, foi porque não trouxe o escudo e nem a espada; porque não foi deus dos homens, criado a imagem do homem. Ele foi Grande e foi Rei, sem palácios, sem ouro, sem prata, como o homem poderia entender que o rico palácio era o paraíso, e o ouro e a prata, o Amor e a Caridade?

Ajoelho-me diante d'Ele. Sinto a presença de alguém do meu lado, ouço sua respiração. O vento adentra pelos vitrais zunindo tão doce, como o cântico dos anjos. Olho de soslaio e vejo, um pano rústico, marrom amarrado por uma corda que pendia até repousar no chão. Sem me voltar para ele, pergunto e minha voz sai tão embargada, apenas um murmúrio.

_ Por que vocês insistem em mantê-lo numa cruz, se Ele se libertou e a todos nós? – não, não esperei resposta, eles, os padres, os frades nunca dão as respostas, mesmo sabendo de todas elas. Levantei, não ergui meus olhos para ver seu rosto, só vi as sandálias franciscanas. Caminhei em direção a saída, quando estava prestes a ultrapassar os umbrais, ele falou.

— Eu não sei, eu não sei! — Voltei-me, mesmo pela distância podia sentir luzir em seus olhos a verdade naquela resposta.

Não consegui ver os traços do seu rosto... A penumbra daquele lugar tinha uma certa magia. Olhei para a cruz e estranhamente não vi Jesus mais lá.

Jesus estava naquele que calçava as sandálias de Francisco, na verdade de suas palavras, de seus olhos; o Cristo saía comigo e estava ao meu lado no caminho; o Cristo estava junto carregando a minha cruz e de todos que passavam. Jesus, caminha pelas ruas: no menino que vende chicletes, na menina moça que troca favores por alguns reais, nos mendigos maltrapilhos, na gente correndo e parando ao comando do sinal vermelho.

AS PORTAS – O PASSADO

Vejo portas largas e estreitas, portas que de tempos em tempos passei. Todos passam por essas portas, que ficam esquecidas, porque quando abrimos uma fechamos outra e mais outra, mas passamos por elas, deixamos um pouco de nosso perfume no interior de cada uma e em tudo e todos que ali estavam.

E abre o leque, a consciência, a lembrança de algum lugar, de um rosto e de uma situação.

O sol esparzia seus raios sobre o copado deixando as folhas douradas. O farfalhar desta reverberava na água cristalina, levemente agitada pelos pés da moça. Seus cabelos soltos pareciam borbotões de fogo sustentados pela brisa fagueira.

— Olhos Azuis, é tempo de lembrar.

Carruagens de fogo percorrem o céu, descendo na Terra.

A semente evoluiu, a semente deixada há milhares de anos. Sim, agora era possível os filhos do céu ajudarem a sua descendência, assim foi feito e deixaram em seus ¹**carros de fogo** e se uniram as sementes deixadas. Teve filhos, os gigantes, povo do céu, de outras estrelas. Ficaram uns contra os outros e queriam pelo poder subjugar o menor, e isso não tinha aprovação do Creador e desceu o Grande Carro, e desceu as águas e houve Noah na Terra e muitos fugiram avisados por Sitma.

Novos prélios se deram, repetindo ciclos, novos fins e recomeço.

Enquanto alguém falava, podia ver essas imagens na minha frente. Quem falava? Talvez Píton, talvez o meu anjo, quem sabe parte de mim de outros tempos, quem sabe o meu subconsciente emergindo e trazendo a tona todos os Eu's e portas. * *"O que foi é o que será: o que acontece é o que há de acontecer. Não há nada de novo debaixo do sol"*.

Vi o mar, tão azul como turquesa e vi ilhas e construções. Belos templos brancos em sua volta um gramado verde brilhante.

Estou nadando naquelas águas cristalinas e mornas, meu nome é Dilla. Passo entre pedras e corais, nadando o mais rápido possível.

— Cael, não valeu, foram os golfinhos, foram eles que me encontraram.

— Eles chegaram depois, sabe que te achei Dilla, três a um para mim.

Num impulso subiram em uma pedra.

A situação estava difícil para seu povo, uns queriam mais poder que os outros e estavam divididos, os deuses estavam zangados.

As pequenas túnica coral secaram, as pernas retornaram, Dilla e Cael desceram da pedra e caminharam na areia.

Sabiam da preocupação dos mais velhos, da discórdia entre eles.

Dilla pára olhando para o céu e vê os Doze do Conselho, e o futuro de Atlântida. O Conselho está dividido, Oh! Vão destruir-nos! E uma voz de trovão se faz ouvir.

— Cael e Dilla, avisem ao povo todas essas coisas. Vamos retardar o máximo para que tenham tempo. Como lamentamos parte de nossa parte lutarem entre si, a carne venceu e sobressaiu o instinto selvagem. Recomeçarão e terão outra chance mais uma vez, mas Atlântida será destruída. — a voz silenciou.

Eles voltaram ao mar e rumaram para Ilha do Disco do Sol e contou o que os deuses lhe disseram.

Foram poucos que acreditaram em Cael e Dilla. Os que acreditaram se prepararam, cavaram túneis para outras terras, terras longínquas, longe muito longe. Guardaram ensinamentos e alimentos, esperavam a ira dos deuses manifestada pelas mãos dos homens.

O tempo passou e chegou à hora. O Disco do Céu desce, e leva o que está na Terra. A guerra começou, entramos nos túneis e houve um grande clarão, apertaram o botão, não resta mais nada. Devemos seguir sem olhar para trás. Estamos há muito tempo aqui nesses túneis, a terra prometida chegou para uns, estamos perto da reservada para nós. Crianças nasceram, cresceram, estamos velhos... Cael partiu, desencarnou.

Quero ir com ele, deixe-me aqui para encontrar-me com ele! Meus bisnetos não fazem a minha vontade e continuamos.

Vemos luz e um pedaço do manto azul da Grande Mãe, sentimos o seu hálito adentrando em nossos pulmões! ... Cael está lá, ele está vindo buscar-me, carregue-me.

Estou jovem novamente e corremos juntos nos verdes prados,... Olho para trás a porta se fechou, não estou mais encarnada na Terra.

1- Carros de fogo – Em vários trechos da Bíblia há relatos sobre carros de fogo, o mais conhecido foi o arrebatamento de Elias.

C

NA TERRA DO ARCO –ÍRIS

Ouço Píton, perto e posso vê-lo novamente.

— Você esteve em todas essas portas, animou muitos corpos e teve muitas experiências. Dilla de Atlântida renasceu no Peru como Killan. Abra a porta e entre.

— Mas pulamos estas?

— Não é ainda o tempo. — Disse Píton.

Estou segurando o pequeno Colibri de ouro, foi tudo que restou para lembrar o Templo do Sol.

É noite, está frio.

Ah! Meus cabelos foram cortados, mamãe disse que era para disfarçar e fez mágica, me vestiu com roupas do estrangeiro.

Os estrangeiros traziam um pau que matava, e espadas. Ouço estampidos como nunca ouvi, os guerreiros caem e sangram sem ninguém tocar neles, como pode não sei.

Minhas irmãs foram violentadas, mama não tinha mais força para proteger a todas, quanto sinto...

Outras se jogaram do penhasco e voaram para Terra do Condor.

Ouço brados, gemidos dos guerreiros atrás dos muros.

Estou escondida em uma fenda, mama não apareceu mais será que está morta?

Está passando alguém, é um estrangeiro de roupão preto. Ele não pode me ver, não pode! Algo brilha no seu peito, como brilhava o Disco do Sol, algo brilha em seu peito pelo reflexo do luar.

Ele parou, tento não respirar... Ele me viu. Ele faz sinal para que eu saia, estou tremendo.

Os estrangeiros com pau de fogo se aproximam e falam com o homem de roupa preta comprida. Ele me protege, não deixando que os homens me toucassem e me levasse com eles como as minhas irmãs. Quero ir com elas, pra onde estão levando-as? Só restaram elas as outras foram para Terra do Condor... Ah! Por que não fui?!

Ele, o homem de preto segurou a minha mão e descemos, sinto que nunca mais voltarei a cidade que nasci.

Mamãe me salvou, mas não salvou a ela. Mama sabia do ontem, sabia do amanhã, ela falava do povo que habitava no templo no céu e **¹meu pai era de lá.**

Chegamos à cidade do homem de preto.

A casa dele só pode ser aquela que tem em seu topo o mesmo símbolo que ele traz no peito, e é, nos dirigimos para ela.

Um homem velho fala com ele e o chama de padre Charles beija sua mão, esse deve ser o nome dele.

Entramos, o lugar estava quase escuro, tinha fogo lá na frente, como no nosso altar. Lá tinha a mesma madeira cruzada e um homem pregado nela. Era o Deus dos homens brancos, Charles colocou os joelhos no chão e falava com ele. Ajoelhei-me também, estava na casa de um deus e mesmo não sendo os meus deuses, era o meu jeito de mostrar respeito e agradecer.

O tempo passou, tudo isso se deu quando eu tinha treze anos.

Hoje falo a língua dos homens brancos, estou com dezesseis anos.

Visto-me ainda com roupas de homem, e Pe. Charles corta ainda os meus cabelos, porque ele não deixa os meus cabelos crescerem? Eles são negros e brilhantes, por que ele corta meus cabelos?

Eu amo Charles, não do jeito que os outros amam. Não quero mais ser virgem, destruíram meu templo, quero ser dele.

Não entendo Charles, ele não é eunuco, mas não pode amar mulher.

Fomos para outro país, Charles disse que seu nome era Espanha ou era Itália, acho que foi esse sim o nome que ele falou.

Adeus minha mãe, adeus minha terra.

Não posso levar o colibri, ele é livre e vai crescer, lhe dou *liberdade!*

Foi minha mãe que levou Charles até aquela fenda, ele disse que sonhou. Mamãe, falava nos sonhos das pessoas e dizia coisas, muitas coisas.

Fomos para uma aldeia muito pobre.

Agora estou com vinte e três anos.

Desde que chegamos nesta aldeia, não me visto de homem, agora tenho os cabelos grandes e faço tranças.

Tenho sonhado com minha mãe, ela está me ensinando o segredo das ervas, das pedras e da cura através das mãos. Mamãe diz que nem todos podem ser curados, disse que muita vez a doença é a mestra do Espírito.

Tenho aplicado tudo isso aos aldeões, eles não tem moedas que compra remédio. Eu faço de graça, com ervas, mamãe disse que não devemos cobrar por isso. Porque os deuses não cobram pela água, pelo sol, pela sombra, pelo fruto, pelo vento fresco. Não cobram pelo amor, pela alegria e pela vida.

Charles se preocupa, diz que é perigoso o que faço, não que acha ruim, ele até ajuda no preparo das porções. Não entendo a preocupação de Charles.

Agora conheço o Deus dele e Charles me batizou nas águas. Já fui batizada quando estava no ventre da mama, fiquei nove meses imersa nesta água e quando estava pronta, a bolsa se rompeu e batizou a passagem, o meu caminho para a vida, nasci e vi à luz! Mas ele disse que precisa batizar de novo só esse batismo vale.

Vêm pessoas de longe, de terras que nunca ouvi falar.

Quando falo que a minha mãe está ali e dizendo o que eles têm que fazer, eles assustados se ajoelham. Não entendo como eles não conseguem ver a mama, Charles pode, e a primeira vez que viu chorou como criança.

Veio muito homem vestido de preto e me fizeram perguntas, falaram que sou bruxa, Charles pela primeira vez gritou, nunca tinha visto antes ele daquele jeito.

Quando eles foram embora, ele me abraçou e disse que me amava... Ele chorou tão sentido e me beijou. Eu fiquei feliz, Charles me beijou e me abraçou e disse que me amava. Creio que bruxa é uma palavra mágica entre os brancos.

Ah! Os homens não foram embora! Eles se dirigiram a Pe. Charles, ele disse que vai comigo, comigo para onde, será que vamos para outro país?

A fogueira foi para onde nos levaram! Fui condenada à fogueira, porque falava e via a mama, porque curava com ervas e pedras. Charles disse que também via a mama e fazia comigo as porções, o excomungaram, não sei o que é isso, mas pela primeira vez vi Charles chorar.

Eu amo Charles e ele me ama, o fogo já lambe nossos pés, sinto os lábios quentes de Charles mais uma vez.

Eu e Charles vimos o Colibri, e ele cresceu se tornando um Condor forte e bonito. O Condor levou-nos em suas asas, encontramos mamãe, minhas irmãs e homens brancos também, pois não há separação.

Parecia que todos eram feitos de luz, pontinhos de luz que unidos dava uma linda claridade.

Pítón surge novamente.

A roda gira, gira e vejo muitas portas.

— Killa e Charles abrem outra porta. — Disse Pítón.

Vejo o universo, eu sou o universo, e Charles também, a vida pulsa em nós, pela passagem que une os dois mundos. *Essa é a magia da vida, estou, estamos, renascendo!*

Outra porta se abre e outra se fecha.

1- Nesta passagem é claramente colocado a origem da autora



ETERNA BUSCA

A saudade que sinto de alguém e é tão forte que sinto que falta uma parte de mim. O meu único consolo é ter certeza que ele está de certa maneira aqui comigo, compartilhando meus dias, meus momentos, fitando a mesma lua cheia que vem pratear as cortinas, olhando as mesmas estrelas que piscam para mim. Mesmo assim a sua ausência física deixa-me triste, há um espaço dentro de mim que espera para ser preenchido: onde está você?! Será que estais sozinho como eu ou alguém divide sua vida com você? Mas quem é você, como vou reconhecê-lo? Será que saberíamos que somos um se nos esbarrássemos na esquina, no shopping? Será que se os nossos olhos se encontrassem teríamos a certeza que o amor sempre nos uniu e guiou? Não, creio que não, é sou uma boba sonhadora como diz Irmã. Não existe parte de outra parte, não existe alma gêmea.

— Por que negas? Por que fecha a porta?

— Você não existe Pítón, é fruto da minha imaginação!

— Ana não se deixe levar pela ilusão do que vê e toca. Não permita que sua sensibilidade sucumba ao cárcere da carne, a flor morre, mas sua essência fica, o corpo morre o espírito vive, sentirá o seu amor no perfume do invisível. Quando ele se aproximar sentirá como você não se preocupe com isso, têm tantas coisas que agora precisa se ocupar.

Abro a porta buscando a rua não quero ouvir mais Pítón, não quero, mais saber de sensibilidade e tão pouco de amor.

O luar se estende brilhante nas ruas e calçadas, nos copados e fachadas dos arranha-céus. Será que ele também olha a lua, a lua cheia que me encanta? Ele? Ele não existe aqui, ele nunca existiu estou doida essa é a verdade. A verdade não está no céu, nas estrelas, na lua e sim no chão... Preciso procurar emprego.

— Por que foges?

— Não estou fugindo. Acho que falta em mim na minha vida a magia. Estou cansada.

— Você vive a magia todo o dia, só precisa parar para aprender. Quer um exemplo me dê suas mãos e sinta a magia. — ele pegou a minha mão e colocou um punhado de alguma coisa e disse, — flores para você elas são mágicas.

— Esta louco? Isso são apenas sementes!

— Aí está à magia minha cara depende de mãos para realizá-la. Não adianta lamentar pelo amor que ainda não veio, pelos sapos do caminho, não é assim que funciona a alquimia da vida. — E abrindo bem os braços exclamou com sentimento. — O homem parece que esqueceu que do trigo vem o pão e que a vida vos toma a lição!

Estranhamente após essas palavras uma situação chamou a minha atenção

Vejo uma criança de no máximo quatro anos pedindo pão a um transeunte, ele não pára joga umas moedas no chão e resmunga: *já pago meus impostos e dou donativos e ainda esses pivetes pelo caminho para perturbar...*

Pítón olhou para mim e perguntou: Essa semente crescerá e dará flores? — Ele se foi.

A criança ajoelhada recolheu os centavos do chão e correu para perto da mãe sorrindo. A mãe vendo o valor das moedas irritada jogou-as de lado, vi o sorriso morrer como flor que murcha nos lábios do menino e ele chora.

Abri as mãos e olhei as sementes, que semente estava plantando, regando em minha vida? O egoísmo também tem sementes, e o senti em mim e vi no estranho. Sim, esse amor encontrarei em algum lugar, no tempo preciso e na hora marcada. Enquanto esse tempo não chega é preciso preparar a terra e separar as melhores sementes. Sementes minhas, sementes que estão em torno de mim esperando para crescer e o que tenho feito?

Uma lágrima rola em meu rosto... Sempre pensando em mim, no meu caminho, no meu crescimento pessoal.

Agora compreendi o que Pítón quis que eu percebesse e aprendi com o desconhecido que jogou as moedas no chão, com a mãe e com a criança que num instante nasceu e morreu em seus lábios um sorriso, é ninguém cresce sozinho.

Que semente que vinga sem amor?

Volto para casa e pego papel e caneta e escrevo.

Amor Eterno do Meu Ser

"Perfume de minh'alma".
 Flor distante do meu caminho
 Caminhamos apartados
 Entre abrolhos e espinhos.
 Ah! Esta nostalgia dorida saudade
 Não abandona o meu coração
 Momentos tão presentes do passado
 Presentes e ausentes
 Onde está felicidade?
 Amor eterno dos meus dias!
 A tua lembrança me envolve, beija e abraça.
 És minha única força e consolação
 De sentir um dia, sem tempo e sem hora.
 O calor das minhas mãos em tuas mãos
 Parte de minha parte
 Amor pleno que Deus nos concedeu
 Planto esperança contigo nos canteiros
 A flor caridade
 Nos quadros da vida o amor nossa arte
 Perpetuando em luz quiçá na eternidade!
 E o mesmo perfume enfim
 Quem poderá apartar e dizer
 Os dois são UM
 Será eu ou será você?!..."

* * *

ALMAS GÊMEAS

Ana reencontra Pítón e passam pelo portal que não demarca tempo, o passado, o presente e futuro não se divide.

Ela é levada por Pítón a apreciar um belo vespéral. O sol declinava pouco a pouco no firmamento e sem os blocos gigantescos de concreto armado a retalhar o céu gavetando-o em ruas e calçadas no horizonte.

A brisa fagueira brincava com seus cabelos deixando-os em desalinho e sorrateiramente também brincava com as nuvens que quase imperceptível parecia esculturas mutantes, ora, um cão, um anjo, um gato. Os copados bailavam de um lado para o outro, pareciam pinceis borrifando o céu e o chão com suas folhas e flores que se desprendiam dos galhos.

Ela continuava nostálgica e por mais que tentasse não conseguia dissipar aquela tristeza em sua alma.

_ Ana se é consolo, saiba que ele a busca tanto quanto você.

_ Será? Pítón existe almas gêmeas?

_ Não. A alma é indivisível desde do momento da sua criação, existe sim espíritos que se tornaram afins após enumeras encarnações juntos. Aí sim nasce entre eles um sentimento maior que as paixões terrenas o verdadeiro amor, e essa afinidade maior é uma conquista do espírito se tornando almas gêmeas por muito se querer bem e não é necessariamente um, pode haver muitos ou seja muitas almas gêmeas.

Você encontrará neste tempo alguns que chamam alma gêmea, mas só um chegará em essência ao seu coração.

Ana fechou os olhos e adormeceu.

Pítón sorriu, sabia que ela estava indo buscar no passado parte de sua parte.

* * *

MAGIA

Irma chegou esbaforida se jogou no sofá e falando como despejasse algo que a sufocasse de uma vez só.

— Não dou mais para esperar Ana eu o quero agora, já! Como posso entregar a minha vontade a vontade dos tais Senhores da Roda? Quero algo mais forte que traga ele para mim independente de sua vontade, da vontade destes tais Senhores da Roda e...

Sinto-me longe, vejo **portas**, entro.

Não se pode unir parte de outra parte, não se pode ir contra a vontade dos Senhores da Roda, os Senhores do Karma, eles sabem do ontem, do hoje e do amanhã.

Vejo uma mulher de cabelos castanhos escuros, quase negros, ela é bonita, ela corre livre.

— Por que se refere a ela como outra pessoa? Quantas vidas, personalidades, quantos eus? Ana pare de separar, aqui não há tempo, distância e tão pouco separações.

Vejo um velho e não sei por que sei que seu nome, é Azir, e sinto que o conheço desde todo tempo. Sei que ele transita pelo imenso corredor das portas.

— Warlla onde esteve? — Pergunta um velho cigano,— já te disse para não se afastar muito da tribo.

— Fui perto vô, pegar figos.

— Sua avó te ensinou as leis, a magia não foge a elas.

Ela muito viva se afastou do velho respondendo entre risos.

— Eu sei vovô pode deixar vou fazer só o permitido.

Warlla pegou o caminho da aldeia.

* * *

TECENDO A TEIA

Warlla Faz Feitiço

Warlla vai de encontro a uma moça.

— Trouxe?— Perguntou a moçoila revirando a saia de Warlla.

— Calma está tudo aqui! Como sabe, ele não virá para você se não tiver que vim. A magia só funciona se ele corresponder, é preciso que ele tenha nele a essência do amor, se não tiver, não vai adiantar.

— Sei que vocês conhecem uma que não falha, eu queria essa Warlla.

— Essa é proibida.

— Por quê?

— Porque vai contra os desígnios dos Senhores da Roda. Quem a praticar receberá punição.

— Você sabe como faz?

— Sei, aprendemos todas as magias como fazer e desmanchar. Agora vamos preciso te explicar como fazer a que combinamos. Ela dependerá também da vontade dos Senhores da Roda que tudo sabe e cumprem.

Aqui estão os figos, trouxe o mel?

— Sim e duas rosas silvestres também.

— Hoje a noite é o primeiro dia da lua nova. Tudo que desejamos e entregamos para a apreciação dos Senhores da Roda deve começar sempre na lua nova. Às três horas em ponto da madrugada se apresente à lua nova, você não irá vê-la, mas ela te contemplará, estará atenta ao que entrega a ela com todo o carinho de uma mãe, mesmo que longe.

Corte os figos ao meio, troque a parte de um com o outro. Escreva o seu nome em um papel e coloque no figo dele e o nome dele no figo que representa o seu coração. Agora pingue em cada um três gotas de mel e coloque três grãos (trigo) ou de arroz e amarre os dois separadamente com uma fita branca. Coloque-os seguramente expostos noite e dia e assim devem permanecer até a última noite de lua cheia e você entregará a deusa Ártemis dizendo.

Grande Mãe que testemunhastes

Todos os renascimentos

Dos dois lados sempre claridade

Entrego-te a minha vontade ao teu esclarecimento!

Então você apresenta a ela de coração o seu desejo, mostre os figos e entregue, ela levará aos Senhores da Roda.

— Ele então será meu Warlla, será?!

— Já vos disse só se for à vontade Deles.

Um homem se aproxima das duas a moça balbucia tremendo que o homem é seu pai.

— Que faz cá com uma cigana?!

— Papai eu...

— Já para casa lá conversaremos!

— Mas papai nós...

— Que nós?! Como se iguala a esta mulher esse povo sujo?! Vá ou levarás uma sova cá mesmo!

A moça com olhar suplicando desculpas fita Warlla e num ímpeto sai correndo fugindo ao olhar de censura e bárbaro do pai.

— Quanto a você se afaste da minha filha ou seu povo, os parias, sofrerão as conseqüências. E cuidado menina você sabe o que fazem com feiticeiras se afaste da minha filha com suas bruxarias, ouviu bem?!

Warlla lhe deu as costas para se retirar. Ele num rompante a segurou.

— Rameira não permiti que se fosse ainda não acabei! Venha vou te dá algo que sei que gosta.

Ele saiu a puxando mata adentro se afastando da estrada. Sua mão em seu pulso parecia algema de ferro em brasa, seu coração parecia pular do peito, estava com medo. Pensou no avô desesperadamente, queria estar na tenda junto dele, do seu povo, sob sua proteção. Josef o seu amado, lembrava das traquinagens que faziam juntos, quando se escondiam para vê os rituais nas noites de lua cheia na floresta. Pela primeira vez ela não sentiu prazer em está na floresta, olhava as árvores que estendiam seus galhos que pareciam garras, os cipós que pendiam delas parecia que iria prendê-la como teia, a floresta parecia uma imensa teia e aquele homem a aranha preste a devorá-la. Quanto tempo andando? Minutos, horas? Não sei, parece uma eternidade!

Ele, ¹Paul a joga no chão e caindo sobre ela a beijando-lhe o colo, ela tenta com todas as forças se desvencilhar ele sorri, ela cospe em seu rosto. Ele parece sentir-se mais motivado, imobilizando completamente os braços de Warlla, ele se aproxima e passa libidinosamente a língua em sua face. Ela sente seu hálito repugnante, vira a cabeça e fecha os olhos.

Ele invade violentamente suas entranhas... Warlla perde os sentidos.

Quando volta a si está só e ensangüentada.

Levanta cambaleante e caminha para a aldeia. Sabe que não ficará lá, pegará suas coisas e irá embora, ela não é mais a virgem de Ártemis, da deusa Diana, destinada ao seu amado Joseph. O avô lhe abraça condoído, sim ele sabia do seu destino, da vontade dos Senhores da Roda para que fosse cumprido.

Ela deixou um bilhete para seu prometido dizendo que fugiu com seu novo amor, que ele seguisse seu destino e encontrasse outra virgem prometida de Ártemis.

O avô nada disse na despedida, sabia que a neta não suportaria ficar ali e ver Joseph desposar outra mulher...

— Ana! Não está me ouvindo? Eu hein parece estar no mundo da lua! E aí vai comigo? Aviso logo não vou esperar mais, o que você me ensinou é fraco e não vou depender de Senhores da Roda...Ana não ouve as reclamações de Irma, ela continua lá em algum lugar do passado acompanhando a história de Warlla.

Nota:

1- Paul – Exatamente neste ponto esse Espírito se comprometeu com a Lei de Retorno. Veremos mais adiante que ele estará ligado ao Espírito que animou a personalidade Warlla, que animará a personalidade Lisiê, Rúbria e posteriormente Sophie. Ele animará a personalidade Filipi, irmão de Michael por parte materna. Michael para que fique claro o desenrolar deste enredo é nesta presente encarnação o Joseph, o amor de Warlla.



SÓ RESTOU POEIRA E ESTRADA

Só o que ela vê é uma estrada e segue sem olhar para trás, uma estrada sem volta que a levaria a outro destino. Destino que ela não esperava, que ela não sonhou e ela sentiu ódio dos ¹ Senhores da Roda, como eles puderam ser tão impiedosos? E ela sentiu raiva das leis, que leis são essas que conspira contra a felicidade? Só o uivo solitário do vento e a poeira da estrada a lhe bater nas faces e as lembranças do passado como fantasmas presentes naquela estrada para atormentar o seu destino.

Um riacho para se refrescar, para matar sua sede e limpar seu corpo. Não da poeira da estrada queria que limpassem a lembrança daquele homem te tocando... Ah! Sua alma estava suja, para sempre marcada!

No espelho d'água ela vê Joseph, seus cabelos negros moldando seu rosto moreno queimado de sol, seu sorriso iluminado. Ele deve saber que ela fugiu com um novo amor e deve estar lhe odiando.

Uma carruagem pára e ela não percebe continua absorta em seus pensamentos.

— Olá!

Ela se volta surpresa. Deparando-se com um homem bem vestido de meia idade, percebe que ele não está sozinho vê uma jovem adormecida deitada. — É minha filha, — seu sorriso morre quando ele completa, — ela está doente, uma doença que ninguém cura.

Warlla se aproxima da moçoila adormecida e a olha condoída, pois viu o que molestava a moça indefesa. O homem continuava falando esbaforido, como necessitasse expulsar o drama que vivia.

— Fui ver uma velha índia, dizem que ela é curandeira, mas ela não pôde curar Louise, — seus olhos encheram d'água e continuou. — Estou voltando para meu povoado sem esperança. Após jogar tudo isso para fora deu um suspiro mais aliviado voltando os olhos para os trajes de Warlla perguntou.

— Vejo que és uma cigana, por onde estão teus povos?

—Eu não tenho. — Warlla se afasta voltando para o rio e se agacha para lavar o rosto.

— Como não tens? Todo cigano pertence a uma tribo.

— Eu não pertença mais, não quero falar sobre isso.

— Tudo bem moça... Qual o seu nome?

— Warlla.

— Warlla de que?

— Não tem, é simplesmente Warlla.

O homem observou o malgrado da moça naquela conversa e não deu continuidade.

— Meu nome é Eduard Montoverdi, tenho uma taberna no meu povoado que está fechado desde que parti. Minha esposa nos espera, posso ver a sua tristeza quando regressar e com a nossa menina no mesmo estado. Ela ia se casar no dia seguinte estava radiante de felicidade! De repente perdeu os sentidos e quando voltou a si não era mais a mesma parecia uma morta viva. Tivemos que adiar o

casamento, tínhamos a esperança... Só que a data se aproxima novamente e ela continua na mesma senão pior.

— Ela pode ficar boa. — Afirmou Warlla fitando longamente o rosto da moça, um rosto belo, mas lívido.

— Você está a brincar comigo menina?! Já levei a minha filha aos melhores especialistas e curandeiros e nada puderam fazer por ela.

— Ela não está doente e sim enfeitada.

— Como enfeitada? Quem poderia fazer isso? Louise é uma menina meiga, não têm inimigos e...

— Não importa como e quem e sim ajuda-la enquanto há tempo. Amanhã começa a lua minguante e o feitiço precisa ser anulado nesta lua. Preciso que flores de jasmim e um cristal branco. Ela precisa tomar sete banhos com essas flores e após colocar o cristal no umbigo. Antes é preciso passar o cristal por nove vezes pela chama do fogo e pedir libertação.

— Eu não saberei como fazer isso, você não pode ir conosco e fazer você mesmo?

— Sim eu farei. — Ela seguiu com Eduard e a filha, para nova vida, vida? Como viver longe de seu avô, de seu amado Joseph? Não, ela não ia viver a vida e sim passar por ela.

JEDIAH — Curandeiro da tribo de Jibon

— Ana, *passa adiante.*

— É você Píton?

— *Sim. O que acontece depois? Observe detalhadamente o que vê não é um filme e sim cenas vividas e hoje para ti lições.*

— Em que tempo devo ir?

— *Fale-me de Jediah.*

— Não vejo importância em falar nisso, ele era uma sombra, não existia.

— Como não se ele te acompanhava sempre e te ensinou os segredos mais ocultos da magia das pedras? Quantas vezes ele te acolheu e reconfortou Warlla? Ele te conhecia mais que ninguém, e na solidão da noite te fazia companhia em seu quarto até você dormir. Deixe sua mente livre e se reporte há aqueles dias.

Eu nunca consegui ver seu rosto. Ele tinha pendente um fio prateado saindo da altura do peito.

— Quem é você? O que fazes no meu quarto?

— Vim te trazer uma pedra Warlla, um cristal. — Ele estende a mão.

— Que isso?

— Um citrino o elo que necessitas por agora para estar em Malkuth (plano material) e o Kether (plano da consciência espiritual). Precisas de uma ponte para os dois mundos, porque és o que és. Precisarás de força para se prover até que voltes. Também não podes esperar por esse retorno, é preciso continuar o seu aprendizado. Quero que segures a pedra, e mentalize o sol.

— Eu não sei para que isso Jediah... Jediah???

— Relembrou meu nome, sabia que não tinha esquecido.

Não precisará fazer nada, apenas levar a pedra ao sol nas primeiras horas da manhã para energizar, basta uma vez, e o resto ela faz. Pegue-a, sinta-a, observe como ela é bonita. É para isso que elas servem, para servir à alma. Essa pedra pode ajudar na proteção pessoal pela energia solar que ela capta e repassa ao seu portador.

Como as ervas servem para proteger e curar, assim também as pedras, nunca as despreze Warlla.

A Mãe sabe proteger através de sua criação os seus filhos. Eu filho do Sol passo para suas mãos, a luz do Universo, à luz que sempre buscarás ó filha da Lua, para seguir.

As pedras serão trilhas para que não se perca no caminho, para que dê e recebas um alerta quando em perigo, para que atire se for necessário para movimentar ou quebrar o espelho da água ou da terra. Agora preciso voltar.

— Para onde? Quem é você?

— Warlla, Warlla por que permitiste que fechassem seu olho espiritual?

O escorpião se oculta nas frinchas da terra, é seu excelente habitat e apenas dele sobrevive, atentai para ele. Quão são estes escorpiões que se ocultam nos tempos dos rasteiros de pedras e de pássaros que reluz no vôo como bronze. Precisará ter olhos despertos na alma, porque são perspicazes e até o coração envenenam.

Queira à Deusa que eu possa estar lá e tenha a percepção de sentir o perigo e te ajudar. E que você consiga me sentir, e lembrar dessas minhas palavras.

Reencontrei Jediah outras vezes e ele me passou os ensinamentos que me faltavam depois sumiu assim como veio do nada. Apreendi coisas ruins e coisas boas com ele, e que devemos ter cautela, pois as trevas têm mui artifícios, e o que é aparentemente bom pode ser mal em vice — versa.

É só não me lembro de mais nada sobre ele.

— Fale do *seu regresso para tribo. Quando Joseph foi busca-la.*

Dez anos se passaram. Ela ficou trabalhando na taverna e dançava de vez enquanto no tablado para espantar a tristeza.

Louise se casou, teve dois filhos com Armand e os dois viviam também no povoado. Ver a felicidade de Louise para ela era foi um contentamento.

— *Que aconteceu quando Joseph foi buscá-la? Pítton foi conduzindo as lembranças.*

— Ela foi servir-lhe vinho. Ele foi frio com ela, muito frio. Perguntou sobre seu homem, o homem que ela trocou por ele. Ela ignorou a pergunta. Ele pede mais uma caneca de vinho e mais outra. Ele ri muito, está acompanhado de três ciganas, são suas amantes. Ele parece fazer de propósito, faz tudo para chamar sua atenção, ele faz carícias ousadas e as beija.

Ela vai pedir ao Sr. Montoverdi para ir para casa, ela não suporta mais ver aquelas cenas. O Sr. Montoverdi a dispensa, ela pega o xale e caminha para saída, Joseph, porém a segura.

— Vim buscá-la o seu avô está velho e talvez você queira trazê-lo para viver com você e seu homem. Ele não está bem de saúde Warlla.

— Ele está doente?

— Sim só que mais do Espírito pela decepção que você o fez passar. — Ela sentiu em suas palavras dor e ódio. E o seu homem?

— Não interessa a você.

— Ele a abandonou?

— Não se ocupe disso já disse. Preciso de tempo para arrumar algumas coisas.

— Até amanhã a noite está bom para você?

— Creio que sim. Warlla sai sem olhar para trás.

Joseph vai até o dono do estabelecimento e após longa conversa descobre que ela nunca teve ninguém, que a encontrou na beira da estrada exatamente um dia depois que ela deixou a aldeia.

Pítton continua dando seguimento direcionando as lembranças.

— *O que você faz para manter a felicidade de Louise?*

— A prima de Louise sabendo da minha partida, iria tentar contra ela novamente vi isso claramente em seus olhos.

— *E o que você fez?*

— Não consigo ver.

— *Consegue sim você sujou suas mãos de sangue.*

— Sim foi por uma boa causa! Ela iria acabar com Louise porque queria Armand e não seria justo!

— *Quem é você para julgar? Como você pode afirmar que aí não estaria sendo feita a justiça? Você usou magia negra, foi contra a Lei dos Senhores da Roda.*

— Para o inferno os Senhores da Roda!

— *Justine perdeu a razão e veio a cometer suicídio, você soube disso, mas continue falaremos mais adiante sobre isso, há mais coisas que precisamos rever.*

— Voltei na garupa do cavalo com Joseph na noite seguinte. Reencontrei o meu avô, que sensação boa de proteção, amparo. Ele, nós choramos abraçados no meio do terreiro.

— *Segue adiante, o que mais viu, aconteceu?*

— Conheci Rianne mulher de Joseph. Eu poderia a estrangular com os olhos e ela a mim.

— *Segue.*

— Houve festa naquela noite, Joseph bebia muito e dançava. Disseram que ele fazia isso quase todas as noites e era para espantar a tristeza de sua alma por minha causa. Quando ele soube que eu havia deixado e partido com outro homem ele fechou as mãos e foi com toda força em direção ao coração como estivesse apunhalando. Mas comentam que hoje ele dança diferente, que há brilho de vida em seus olhos.

Meu povo dança, as ciganas rodopiam em volta da fogueira. Queria estar lá, queria tanto dançar com elas novamente. Rianne como mulher do líder é a única que pode permitir que eu dance, olho para ela implorando com os olhos, vejo desdém, repugnância nos olhos dela, ela finge não ver minha súplica e ignora. Sabe que no meu estado de mulher largada sou considerada uma rameira.

Só a velha cigana Lualva amiga de minha avó Wirnna fala comigo normalmente. As outras quando se dirigem a mim é apenas para falar o necessário, soube que por ordem de Rianne, ela me odeia.

— Por que ela te odeia?

— Ela faz tudo para me humilhar além de tirar o pouco de credibilidade que eu ainda tinha no ofício da magia. Ela fazia o que queria e as ciganas Marie Rose, Marie Estella e Suriegh Tuella, és amantes de Joseph não se conformaram com meu regresso e por conta disso faziam tudo que Rianne mandava até seduzirem o Monsenhor Alex Gerardian e sugerir que eu era adepta e praticante de feitiçaria. Ele vem à aldeia e conversamos longamente, apesar de ser o que é, ele é um homem justo, nos tornamos amigos. Ele se apaixona por Tuella, mas Marie Rose fica grávida e faz chantagem com ele e Joseph ao mesmo tempo dizendo a um e a outro que o filho é de ambos. Após uma bebida preparada por Rianne, Marie Rose perde o bebe, mas só eu conheço as ervas e Rianne diz para todos que fui eu que preparei a porção. Tuella deixa a aldeia para viver na casa do Monsenhor Gerardian como serviçal só que é na verdade sua mulher. Ela é ambiciosa e pede mais e mais quer jóias, propriedades, e ele aos poucos deixa se levar se tornando um homem inescrupuloso e corrupto.

Marie Rose não se conforma de ter perdido os dois, de não ter nada que possa prender nem um, e nem outro, como é uma mulher bonita tenta novamente conquistar Joseph desafiando declaradamente Rianne.

Meu avô está bem, mas sofre com minha situação.

É noite de festa vamos ter o ritual da lua cheia, só as mulheres podem participar, elas vão para a floresta e acendem uma fogueira para iniciar os rituais. Fui ver e Rianne me enxotou como se fosse um cão leproso, esbofeteou o meu rosto e me amaldiçoou diante de Ártemis. Corro pela floresta, os galhos esbofeteiam também o meu corpo, meu rosto como seguisse também a vontade dela, mas não dói mais que as palavras dela. Entro na tenda em prantos, meu avô tenta me consolar em vão, não há consolo, aquela foi a maior humilhação para uma cigana no dia da festa de Ártemis, não, nunca mais iria esquecer. Ela me chamou de árvore seca que nunca daria frutos, que nunca seria amada por um homem. Essas palavras se repetiam como o tilintar do sino matutino na igreja do povoado que havia vivido, que me tirava em ecos dos meus sonhos me jogando a realidade na janela.

Meu avô pegou algo e saiu da tenda sem eu perceber.

Joseph entra procurando meu avô e me encontra em prantos. Conto depois de sua insistência o que aconteceu, ele se revolta, me pega pelo braço querendo me levar até lá para que eu participe, mas eu não quero voltar lá. Ele repete que não sou árvore seca diversas vezes, e com força segura meu rosto em suas mãos e repete olhando nos meus olhos que eu não sou árvore seca e como arrancasse um punhal do coração quase grita que me ama. Beijamos-nos ali mesmo e saímos. A mesma floresta que me esbofeteava momento antes agora me acariciava ao passar e Ártemis lá no céu foi testemunha da nossa noite de amor.

Retornei com a alvorada para a tenda. Meu avô esperava Joseph com a minha saia manchada de sangue, marca do estupro e conta tudo a Joseph. Revoltado com os Senhores da Roda, com o nosso destino. Ele desfaz o compromisso com Rianne e me assume contra as nossas próprias leis como sua companheira. Rianne volta a sua tribo com os filhos de Joseph e começa uma guerra entre as duas tribos. Morte e praga assolavam nosso povo, era a magia negra contra nós a qual respondemos com a mesma moeda indo contra a Tradução. Não dei nenhum filho a Joseph, meu útero foi seco, praga de Rianne.

Joseph estava comigo, me amava, mas sentia falta dos filhos e eu não conseguia preencher esse vazio dentro dele.

— *O que você aprendeu nessa vida Ana?*

— A respeitar a vontade dos Senhores da Roda. Que não devemos trazer a justiça em nossas mãos à mercê dos nossos julgamentos. Que nossos dons devem ser aplicados de acordo com a vontade dos

Senhores da Roda, porque não temos condição de avaliar o que é bom, porque a visão que temos está muito aquém da Visão, da Justiça Divina.

* * *

Breves Elucidações Sobre Magia ou Feitiço

P: Existe mesmo magia ou feitiço?

R: Sim. O feitiço ou magia se dá através da manipulação dos magos ou feiticeiros conjuntamente com forças ocultas onde catalisam energias maléficas visando a pessoa a ser trabalhada. Essas energias podem ser endereçadas além das pessoas para coisas, objetos, animais.

P: Como isso é feito?

R: Não podemos responder.

P: Um objeto enfeitiçado tem mesmo o poder de fazer algum mal?

R: Sim porque nele houve uma concentração de energias trabalhada no pólo negativo extremamente nociva a quem foi destinada.

P: Por que usam objetos, qual a sua ação?

R: Esses objetos são condensadores de baixas energias e jogam no ambiente onde se encontra a vítima levando o indivíduo a enfermidade.

P: Com se defender?

R: A oração primeiramente e tendo suspeita que há algo diferente; animais adoecendo, sensação de peso no ambiente, cansaço, sonolência após uma noite bem dormida são sinais de alerta.

P: Mas muitos não acreditam em bruxaria, acham que é crendice.

R: Assim os fazem acreditar para facilitar sua ação.

P: E os amuletos?

R: É o mesmo processo só que trabalhando o pólo positivo da magia

P: Então surge o feitiço?

R: Sim, porque há no objeto uma concentração de fluidos bons, revigorantes, mas não devemos esquecer que não se deve colocar em amuletos a única sustentação. Essa deve ser calcada nos pensamentos retos e na prece redentora.

P: Ouvi falar sobre a cor vermelha é proteção, por isso as fitas vermelhas?

R: Objetos, coisas nesta cor por ser berrante atraem os olhares magneticamente, caso haja o mau – olhado é direcionado, descarregado nela e é quebrado o efeito primeiro. Mas qualquer objeto que chama atenção de imediato para este é direcionado toda força negativa, por isso usam cabeças, chifres de boi nas porteiras, couro de animais nas casas de candomblé, ferraduras nas casas, é todos objetos que chamam atenção.

P: Por que devemos jogar objetos de feitiço em água corrente?

R: Sabemos que a água é condutora de eletricidade. Ela absorve as energias extrafísicas perniciosas levando para longe da vítima.

P: E os banhos com ervas?

R: Tem o mesmo efeito absorver a energia negativa e vitalizar pela aura das ervas.

Pítton

* * *

OUTRA PORTA

Pus-me a caminho, eu? Era eu? Sentia-me eu, mas era muitos eu's.

Vejo a frente uma outra porta, em aproximado e paro diante dela. O que tenho que aprender agora? Não sei, entro.

Tudo que passamos, todas as situações que vivenciamos é um aprendizado, mesmo que não tenhamos consciência disso. Os encontros ou reencontros não são por acaso, é preciso porque precisamos aprender uma lição ou ensinar. Nem uma folha cai de um galho sem que o Pai saiba e nada está errado. Perguntei a Píton o porquê dessas lembranças e ele respondeu: _ Não há o ontem, o amanhã só o presente, o agora e ele que constrói o ontem e constrói o amanhã. Não se iluda em se melhorar amanhã, fazer algo amanhã, ser feliz ou fazer alguém feliz amanhã, porque o amanhã pode não vim te tomar a lição de amanhã e o livro ter se fechado, a porta pode não se abrir porque nada sabes do amanhã. A lembrança do ontem é para ti recapitulando as lições, o que errou ou deixou de fazer para ter se saído melhor. Todos podem deduzir o que foram pelo que hoje são vocês conhecem suas páginas, suas letras, suas vírgulas e reticências. O que pensa? O que fazem? O grande mal é o egoísmo, poucos Ana olham, se importam verdadeiramente com os outros. Pensam que ser feliz é ter, é possuir, tudo isso é passageiro e o que de real que fica não é o ouro, nem a prata, não é a carne, o corpo, e sim o amor! Agora entre é tempo de relembrar e dessa vez aprender.

* * *

ALBI

Chovia torrencialmente, é foi um péssimo dia para retornar a aldeia que nasceu e viveu toda a infância. As recordações não eram boas, sua mãe teve uma morte horrenda, só a lembrança daquela noite lhe dava arrepios. O pai que vivia longe, após saber da morte de minha mãe veio me buscar, nunca tinha visto, meu pai era para mim um desconhecido. Ele me tirou dos braços do meu avô, aquelas lembranças eram tristes.

Olho em volta preciso de um carro, avisto um. — Senhor, por favor! — o cocheiro não lhe dá ouvidos.— Idiota! Lisiê olha para os lados tudo fechado. Está toda molhada, e uma lama barrenta impregnada no comprimento do seu vestido. Ela vê a igreja aberta, fica indecisa e olha para os lados buscando outro lugar, em vão tudo fechado e não vê viva alma. Atravessa a praça arrastando as malas, para diante da porta, sente uma lassidão e se agarra deixando as malas caírem. Volta-se para trás em direção a praça e vê o céu coberto de negro, labaredas enormes e um coro uniforme de vozes ensandecidas dizendo: — Morte a bruxa!

Ela entra na igreja, a chama das velas é o único e real fogo naquela hora, por que daquelas lembranças? Ela entra e olha a imagem da Senhora de Nazaré, e lembranças boas agora a envolve, lembrança de sua mãe rezando com aquela Senhora... Ah! Que saudade sentia de sua mãe!

Onde estaria o ¹ Pe. Pierre? Ele rezava em língua estranha de costas para nós, não lembro do seu rosto e sim do seu vestido preto e roxo, parecia um caixão e ele tinha cheiro de morte.

Lisiê percebe que o vestido desaguou uma mistura de água barrenta e lama sobre o tapete vermelho de veludo da nave.

— Sujou e pronto, não vi. — disse pensando em voz alta imaginando o sermão que iria receber do Pe. Pierre e com razão. Sei que além do sermão vai mandar rezar no mínimo cinquenta Pais Nossos e cinquenta Ave Marias. Imaginou a cara carrancuda do padre e só em imaginar sentou-se desanimada sobre a mala tão molhada quanto ela, não se atreveria sentar-se em um daqueles bancos polidos, lustrosos. Lembrou de quando menina deixou cair uma migalha de pão no chão para ele foi como sujasse o próprio tapete do céu e lá fui eu rezar, a menina malvada sujando a casa do Senhor, disse ele em língua embolada. — Quantos Pais Nosso ele vai me mandar rezar por essa bagunça toda? — Ela se perguntou.

— Creio que nenhum se não quiser. — Alguém respondeu, não era a voz do Pe. Pierre menos mal, ainda bem respirou aliviada. Ela se levantou ajeitando o vestido, ainda sem virar-se comentou. — É que você não conhece o Pe. Pierre.

— Conheço bem sim.

— Ah! Então é coroinha? Fique tranqüilo eu vou limpar tudo isso viu? Agora dá para torcer a cauda do meu vestido não consigo nem me mover.

- Pois não senhorita.
- Os padres devem ter o mesmo problema com as saias em dia de chuva, não é mesmo? Bem que coroinhas não usam saias. — ela sorriu e ele gargalhou.
- Pronto pode virar agora?
- Deixe-me ver, está ótimo! Ela ao voltar-se ficou vermelha como uma amora, estava diante de um padre.
- O Pe. Pierre?
- Ele faleceu já há alguns anos. Sou o Pe. Claude Leroy. Quem eu tenho o prazer em receber em nossa Igreja?
- Meu nome é Lisiê Marie Chetau.
- Neta do velho da montanha então?
- Sim. Olha limparei essa sujeira que fiz. — Se desculpou desajeitada.
- Não se preocupe com isso, nada que uma boa vassoura e esfregão não resolvam.
- A chuva já passou, vou procurar um carro. — Ela pegou as malas, ele a deteve.
- A essa hora não encontrará ninguém que possa leva-la, todos já devem ter sido recolhidos. Levarei a senhorita espere um momento

Ele entra e conversa com alguém, é um outro padre mais moço. Ele retorna o outro padre vem junto.

- Senhorita Lisiê este é o nosso amigo Pe. Jean está passando uma temporada conosco. Lisiê o cumprimentou com um leve balançar de cabeça, não gostava de padres e estava ali com dois.
- Conheço uma trilha que leva até o platô e não precisa se incomodar...
- Não é incomodo e não me perdoaria deixar a neta de meu amigo sair por aí e já está escurecendo.

Estávamos a caminho, a saudade saltava em meu peito. Foi difícil convencer o pai a deixá-la ver o avô e passar uns tempos com ele, mas só assim ela aceitaria aquele casamento. Olhava o pouco que a penumbra permitia na margem da estrada e pouco lembrava, só do fogo, do coro e poucos ensinamentos. Houve um tempo bom, mas parece que foi breve, lembra da lua, da música, da alegria.

As rodas da charrete ficam atoladas. Pe. Leroy desce e tenta empurrar, procura um tronco para servir de alavanca, mas é inútil. Lisiê desce e tenta ajuda-lo, mas as rodas cada vez mais se aprofundam na lama.

— Estamos longe da aldeia e longe da casa do seu avô, está escuro e começa a chover novamente. Tem uma cabana não muito longe, vamos para lá?

— É não tem outro jeito.

Caminhavam em silêncio. Lisiê se perguntava o que faltava mais acontecer? Sua volta a Albi não poderia ter sido mais desastrosa, sim dar de cara com dois padres, os urubus sim era assim que ela os via. Estava cansada, suja, com frio e caminhando mata adentro com um urubu, mas agouro que esse era impossível. Logo um padre! Lamentou-se, a última vez que teve de frente com um foi após sua comunhão, levantou a batina para ver o que tinha por baixo, ela sorriu.

— Por que sorriu?

— Me lembrei de um padre em Noyon.

— O que aconteceu?

— Nada, durante a missa levantei sua batina para ver se ele usava calças de mulher já que usava saias. Ele ficou um tomate, pensei que ele ia ter um troço. As beatas não sabiam se olhavam ou me xingavam, ele após beber um copo d'água me chamou no canto e me chamou de peste. Meus joelhos sofreram fiquei até o começo da noite ajoelhada sobre os grãos de milho.

— Posso imaginar. — Disse ele sorrindo. — Aconteceu comigo algo parecido. Cortei algumas linhas que segurava os botões da batina e a medida que o padre ia gesticulando caía um por um, até que pouco sobrou. Descobriram logo que tinha sido eu. Pois eu dizia que antes de ir para o seminário queria ver se o padre não era amputado. — Ele se calou. — Desculpe-me

— O pênis. Por que você quis ser padre, Leroy?

— Por amor a Jesus! Sempre gostei de ajudar, de pregar a palavra de Deus e o caminho era o sacerdócio. Lá estar a cabana.

Ele entrou procurou um lampião e acendeu. Ele muitas vezes pernoitara naquela cabana que ficava junto ao rio, gostava de pescar. A cabana pertencia ao avô da moça o velho Ademastar. Ele passou muitas noites ali pescando e conversando com o velho.

Quando chegou em Albi para assumir a paróquia logo tomou conhecimento das crendices, o povo achava o velho louco e um bruxo. Uns o temiam e outros o respeitavam e amavam. Ele logo que pôde foi conhecê-lo, o velho não tinha nada de louco ou temível, era um homem simples e com grandes conhecimentos. Não tinha religião na verdade, mas entendia profundamente cada uma delas.

Dizia não entender o por que das religiões separar os homens, e devia ser justamente o contrário, religião – religar (vem do latim religare), mas isso não acontecia. Em nome, em posse desta ou aquela se apartavam uns outros, entravam em conflitos e se matavam. Eu não tenho religião, — dizia ele — Eu sou a religião! Ele olhou no fundo dos meus olhos e falou profundamente contrito. — Querem ser donos do seu Cristo, do seu Deus, Ele não pertence a ninguém, a nenhuma facção. Ele disse a Pedro que sobre ele edificaria a sua Igreja; que as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Em seguida no mesmo capítulo disse a *Pedro — Afasta-te Satanás! Tu és para mim um escândalo; teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens.* — Em outra oportunidade Jesus diz a Pedro — *Em verdade, verdade te digo: quando era mais moço, cingias-te e andavas onde querias. Mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres.* — a interpretação que deram foram fiéis a letra e não ao espírito da letra. Será que Jesus se referiu apenas a velhice? Jesus antes perguntou a Pedro — *Simão Pedro, tu me amas mais que estes?* E Pedro respondendo que sim, Jesus, pede que ele apascente seus cordeiros. E Pedro ficou velho, Pedro também foi crucificado. E outro te levará para onde queres, Jesus queria que matassem ou morressem por Ele? Quando o próprio Simão Pedro puxou a espada e feriu um daqueles que viera prender Jesus, Ele disse — *Enfia tua espada na bainha!*

— Por que está me dizendo tudo isso, se bem sei? — Perguntei.

— Sei que sabes Leroy, gostaria que todos soubessem de um diálogo com o discípulo que Jesus mais amava, Simão Pedro. Jesus pergunta a ele — *E vós quem dizeis que eu sou?* Simão Pedro respondeu: *Tu és o Cristo, o Filho de vivo!* Jesus lhe disse então: *Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus.* Entendo isso é tão fácil não é pela espada, no derramamento de sangue, não é com a morte do corpo e de crenças antagônicas as nossas que assentaremos à pedra angular. E sim na revelação pessoal com Deus, só a nossa consciência pode nos ligar ou desligar D, Ele.

— Sabes que não compartilho da mesma visão.

— Sei, há visões presas a outras ligadas na Terra.

O velho Ademastar se foi sumindo floresta adentro. Fiquei sentado ainda por muito tempo na pedra onde estávamos. Levantei, peguei no chão uma pedra e fiquei olhando para ela e após alguns instantes atirei longe. Segui seu trajeto, neste instante um pássaro cortou minha visão, mas foi por pouco tempo, pois eu continuo com meus olhos pregados na pedra.

Teremos que passar a noite na cabana. Acendo o fogão para nos manter aquecido.

Amanhã preciso está na igreja para celebrar a missa das seis.

1- Pierre — Reencarnando como Pierre, Paul tem a oportunidade de ressarcir-se com a Lei, ao ter em suas mãos o destino da mãe de Lisiê e paralelamente da própria Lisiê e outros que foram arrolados nesta história de poder, traição e sangue.

Citações Bíblicas: Mt 16

Jô 21, 15-18

Jô 18, 11



UM DESASTRE

Ouço um baralho e vozes vindo lá de fora. Irma corre e vai até a janela e grita.

— Foi uma batida, vou descer você vem?

— Não, não quero ver essas coisas.

Ela coloca um casaco e desce correndo e eu retorno, entro novamente passo pela porta.

Que estranho estou mais velha, estou bêbada sobre uma cama. É um aposento sombrio, onde está Leroy? Por que estou neste estado? Ouço passos deve ser Leroy, me levanto cambaleando.

— Eu falei para não se levantar Lisiê. Vamos deite-se eu te ajudo. Onde está Leroy? Leve-me até ele Jean! Eu quero sair daqui vou procurá-lo.

— Não você não vai sair daqui neste estado.

— Vou sim preciso encontrar Leroy.
 — Ele morreu Lisiê, lembra?
 — Mentira! — Ela grita histericamente. Uma freira adentra no quarto.
 — Novamente trouxe essa mulher para cá Jean?! Vou jogá-la na rua, você vai se complicar por causa dessa rameira! O que quer dela? Já se deitou com ela? Eu não admito Jean! Eu entrego você...
 — Você nos entrega Margot. É para mim será fácil você como mulher me tentou, sabe que tenho conceito no clero e aceitarão facilmente meus argumentos.
 — Tudo por causa dessa vagabunda!
 — Deixe de ciúmes bobo, ela é uma coitada você não vê?! Ele a abraça e beija. Ela esquece a bronca e se entrega com paixão.

Vejo-me nas tabernas e vendendo meu corpo em troca de bebida, ah! Quero morrer! Onde está Leroy? Vejo um estábulo eu e Leroy nos amando, meu marido nos pega juntos e ele atira, Leroy se coloca na frente e leva um tiro no peito... Morto pelo próprio irmão.

Preciso de mais um gole, preciso esquecer, preciso!

— *Vá adiante antes de voltarmos antes desses acontecimentos, ainda aprenderá nesta passagem.* — Disse Píton.

Jean cuida de mim, ele é Leroy, sei que é, ele briga comigo e diz que não, não entendo por que fica irritado quando o chamo de Leroy. Passam-se meses, sei que não tenho muito tempo, mas não me importa quero ir embora. Quando Jean não está perto Margot abre a porta e deixa-me sair. Desta vez se passaram semanas antes dele me encontrar num quarto barato em companhia de um homem, ele me empurrou, cai na cama, ele parece está com raiva. Ele me beijou e lembrei de Leroy, só que eu não podia amá-lo estava com uma doença venérea, ele não se importou.

— *Segue mais adiante.*

Estou no fim, meu fígado dói muito. Jean cuida de mim com desvelo.
 Desencarnei.

— *E Jean!*

— Jean pegou a doença venérea de mim. Ele bebe muito, não consigo mais ver. Meu corpo dói muito, vejo escuridão, não posso respirar... Sinto os vermes comerem minha carne.

— *E Leroy?*

— Não sei, não o encontrei.

— *Volte Ana antes do desastre, continuemos na cabana.*

— Sim Píton.

Amanheceu, meu avô me esperava no pé da montanha.

ROSCIDOS DE MÃE

Rever o meu avô foi como reencontrar-me. Estava na casa da montanha há duas semanas e as lembranças emergiam espontaneamente, já em Noyon, para onde fui levada por meu pai, essas lembranças pareciam sepultadas. Pai? Ela nem podia chamá-lo assim, sim ele era meu ¹ pai como de todos. Não lembro dele aqui com minha mãe, ele nega ser o meu pai, mas uma voz aqui dentro diz que ele é. A lembrança da morte de minha mãe é tão forte, foi numa noite chuvosa, ouço gritos, me arrancam dos seus braços e mãos fortes com cheiro de sangue venda meus olhos. Estranho, sinto a mesma sensação de cegueira quando estou com meu pai.

Lisiê entra no quarto que fora de sua mãe, estava tudo igual, até o seu perfume estava em tudo que ela tocava. As lembranças surgem mais vivas que nunca!

Paro junto à porta observando mamãe ajoelhada rezando.

— Entre filha, venha conversar com a Grande Mãe.

— Onde mamãe? Não vejo ninguém.

— Olhe com os olhos do Espírito, só com eles poderá ver a verdadeira forma sem ilusão. Olhe Lisiê a Mãe através da luz.

— Estou vendo, quem é Ela?

— O Berço da Luz, a Grande Mãe com tantos nomes, mas Única! A conhecerá como Maria de Nazaré. Sinta a ternura de Seu olhar, o Seu Coração é o próprio néctar das flores. Sinta como a Grande Mãe é doce, afável, Ela é a Essência feminina de Deus. Seu regaço foi o berço acolhedor do mais Puro Sentimento e é fonte de pureza e amor. Como a água minha filha, ela é Mãe da vida, mergulhando nesta água, mergulhará no Espírito de Deus! Nunca se esqueça que Ela não está longe, Ela está na Terra e no Céu, está em você, na criação! Vê Lisiê esse é um elo material, um ponto de ligação, você aprenderá fazer dessa ponte material, espiritual, assim como a água que se torna bruma.

— Que é isso?

— Um terço minha querida. Você aprenderá a libertar o seu Espírito através dele também, quando não puder ler as pedras, sentir as pétalas ou ouvir o vento.

Essa é uma das chaves, e poderás sair das prisões que encerram a alma, com a mesma facilidade como a água que escorre livre entre os dedos. Nada e nem ninguém prenderá você, será assim como a lua presente sempre nos ciclos da vida, um dia é uma, outro dia é outra. Reze comigo minha menina.

Ave Maria! Foi assim que o Anjo da Anunciação a saudou e nós suas filhas a saudamos, Ave Mãe!

Cheia de Graças... Não há nada Ó Mãe Misericordiosa que não nos conceda se for justo o nosso pedir.

O Senhor é convosco... E com todos Mãe, porque somos Um com Ele.

Bendita sóis Vós entre as mulheres... Bendita ó Coroada! Porque és Rainha entre todas.

E bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus... Bendito seja esse Cristo que veio nos proteger do mal que há em nós mesmos, despertando assim as nossas consciências, a nossa centelha divina ocultada em nosso eu.

Santa Maria, Mãe de Deus... Mãe nossa os semideuses aprendendo ainda a criar e não destruir.

Rogai por nós pecadores... Rogai Ó Grande Mãe, para que possamos vencer o pecado da ignorância, esse véu que cai sobre a Divina Chama.

Agora e na hora de nossa morte... Morte Mãe que é vida eterna. *Amém.* Que assim seja Mãe Mística, Mãe Imaculada, Divina Conceição... Mãe orvalhada em luz.

Sê a Evidência presente do Pai na hora do Ângelus

És Aurora,

És crepúsculo,

É Fonte da Vida, Ó Mãe Deusa!

— Diz Lisiê uma palavra, a primeira que vier na sua mente.

— Rosas.

— Diz outra rápida.

— Água.

— Mais outra.

— Amor! Qual é a brincadeira vovô? – Lisiê voltou-se para fitar o avô, estava sozinha, ninguém além dela estava no quarto.

Lisiê desceu a escadaria de pedras indo até o Lago Espelho da Lua, pensara a noite toda no que aconteceu no dia anterior no quarto de sua mãe.

Haverá tempo que não será preciso esquecimento e à medida que aprender, enquanto não tiver consciência do Todo, o leque poderá ser comedidamente aberto para que evolua. Estão-se tendo acesso a essas informações espontaneamente sem a mera curiosidade, acredite, há um propósito maior. Não importa se foram reis, imperadores, parias, isto nada acrescenta no crescer, importa o que fizera com seus tesouros, com seus dons, o que aprendeu e ensinou. Fostes o que fostes em que cresceu? O que doou? Que fizeste dos aprendizados espirituais? Curastes com a alquimia ou a usastes em proveito próprio? Sabeis que responderão por tudo que fizeste ou não porque é assim a Lei. Não se culpe, ouça bem o que vos digo, não há pecador ou pecado, colhes o que planta essa é a lei da natureza. Toda nação só é grande se engrandece dignamente seu povo, saiba que o maior rei, a maior rainha e o maior rei em todos os tempos foram aqueles que se portaram como plebeus entre os seus. Maria foi Grande, sem ser rainha, princesa ou sacerdotisa, grande porque sabia dizer a palavra certa, interceder nos momentos precisos e rezar, entrar em comunhão com sua Essência Divina em seu silêncio. A voz feminina silenciou.

Olhei os róscidos, gotas douradas sobre as flores e folhas, parecia pedaço de sol, imenso colar de luz envolvendo todo o lugar.

Aproximo-me de vovô sentado junto ao lago.

— Esse lugar é um sonho

— Sonhos são portas Lisiê, preste bem atenção neles sempre porque em um deles você pode encontrar a chave do leque da vida.

— Sabe, às vezes ouço alguém falando e não sei dizer se sou eu ou outro alguém.

— Não se preocupe em personalizar filha minha, chame de sabedoria essa voz. Essa voz que muitos olvidam e prosseguem cometendo erros que poderiam ser evitados se ouvissem a sabedoria, a sabedoria de uns são cegas e burras.

— Ora vovô como a sabedoria pode ser burra?!

— Simples minha neta. Estes que não ouvem e se ouvem ignoram vão acumulando cargas em suas costas... o homem que assim procede é o verdadeiro burro, mais burro que o próprio burro, alias o burro não é burro.

— Vovô sempre brincando. – Ela sorriu e o abraçou carinhosamente. – Mas do que está falando na verdade?

— Olha só do jumento minha adorável criança. Vê o jumento que levou a Virgem, ele era burro? Burros foram aqueles que não receberam a Senhora de Nazaré. Numa passagem do Novo Testamento Jesus disse: *"Entrando na cidade encontrarás uma jumenta e um jumentinho, trazei"* – Foi nesta jumenta que Jesus entrou em Jerusalém montado. Esse animal humilde, serviçal não é burro, ele serve dentro da lei a sua natureza, então ele é sábio, agora e o homem?

— Ah vovô está filosofando muito hoje, vou me refrescar, vem comigo?

— Não minha querida, preciso fazer alguns preparativos para amanhã, mas não ficarás sem companhia acredite. Voltando ao burro, esse, só olha para frente, ele sabe que é preciso seguir o caminho e quando se deixa alguma coisa para trás é carga desnecessária, que chegou ao seu destino e que teve sua serventia até aquele momento. Então o burrico prossegue leve. Um dia os burricos serão como aquele que carregou a Mãe de Jesus, a Mãe de uma nova humanidade. Libertos, Leves! Vai, vai burrinho voando como passarinho nas asas do amor e sabedoria... lá, lá, lá! – O velho sumiu entre as folhagens cantando alegremente.

(1) – Pai de Lisiê – Um bispo, que foi mandante da morte da mãe de Lisiê, e após leva ela para ser criada por religiosas. Esse bispo é Dionísio.

Passagem citada da Bíblia – Mt 21



NO DOMINIO DAS TREVAS

O céu estava tismado, a fumaça de chumbo dificultava a caminhada naquele terreno ermo, Ana excitava a cada passo. Daniel vendo a dificuldade de sua pupila projeta mais luz, ampliando assim o campo de visão.

Gritos assustadores vem do interior do abismo, o uivo do vento trás gemidos agonizantes de longe, muito longe, mas parece ecoar dentro d'alma, e Sílvia sente-se gelar. Gargalhadas hostis é constante, e bater de asas a cortar-lhes à frente, só é visto grande mantos negros nada mais. Continuam caminhando em silêncio e em prece.

Ana não desconhecia aquele lugar, estivera no umbral muitas vezes com os socorristas espirituais na mesa mediúnica, mas aquele lugar em particular era de certa forma familiar. Ela sentiu-se confusa com essa estranha sensação, essa familiaridade com um local do umbral.

Daniel auscultava suas indagações e acompanhava atentas as suas mais profundas sensações, pronto para intervir caso fosse necessário.

Finalmente chegam ao vale, as ruínas de um reino.

— A cópia de que foi um na Terra. — Aduziu Daniel.

Vêm-se os contornos sombrios de castelos, catedrais, mansões e a perder de vista casebres, todos, absolutamente todos sem exceção estavam parcialmente em escombros.

Criaturas deformes e mulheres, homens seminus, maltrapilhos passavam por eles sem sequer sentir-lhes a presença.

Das ruas lamacentas subia um odor de carniça e sangue pútrido. O ar daquele lugar além de ser fétido, parecia pesar, a cada inspiração parecia que estava sendo sorvida pedra britada como se isso fosse possível, mas é essa a sensação que Ana tinha. O pulmão, em sacrifício respirava com dificuldade, expelindo o ar com esforço, cansaço, em dolorosas golfadas. Daniel aplicou-lhe passes dispersivos e revigorantes, após pediu que Ana mentalmente sutilizasse mais o corpo espiritual, que não seria difícil para ela pelo tempo que já fazia desdobramento, bastaria um pensamento ordenando e o perispírito se moldaria à vontade pensamento.

— Aqui Ana o domínio não é do corpo e sim da essência. O Espírito não tem como mascarar seus pensamentos e sim manifesta-lo em verdade.

Sei da sua curiosidade por estarmos aqui no umbral, mas o trabalho socorrista não tem o seu termino com a reunião mediúnica ou de desobsessão. O médium de certa forma tem uma ligação com a colônia socorrista e com os doentes que auxiliou na mesa mediúnica, continuando, portanto oferecendo seus préstimos em nome do amor, assim como uma mãe, um pai zeloso. Há nesse contato, nessa troca, um crescimento para ambos, cada caso é uma lição.

Vamos entrar. — Daniel apontou os portões de uma fortaleza fortemente guarnecidos.

— Quem vem lá?! — Indagou um dos soldados com cara de poucos amigos em direção de Daniel e Ana, ela estremeceu.

— Fique calma não é conosco, olhe para trás. — Ela então vê alguns homens do lugar julgando pelas vibrações. Daniel com ar espirituoso sorriu sacudindo a cabeça.

— Ta bom esqueci que eles não podem nos ver, pois não alcançam nosso padrão vibratório, não posso esquecer?

— Que vocês querem aqui, ou foram chamados?

— Não, não fomos, mas viemos cobrar a Dionísio cumprimos o trato, viemos buscar o que ele nos prometeu.

— Há, há, Dionísio está devendo a vocês e vieram cobrar? Pague a eles Juvêncio do jeito que o mestre gosta, o último centavo, leve-os para a masmorra!

— Mas fizemos um trato!

— E estão recebendo a paga, vocês têm muito que aprenderem aqui, leve-os!

— Eu fiz o que ele mandou, eu quero o que ele prometeu! — O homem se debatia tentando se soltar das mãos dos soldados.

— Você irá aprender que aqui ninguém te deve nada, você que tem que pagar!

Daniel fez sinal para continuarmos.

Adentraram no salão principal, Ana olhava ao redor num misto de curiosidade e espanto pela sensação de familiaridade que sentia no âmago do seu ser. Sentiu palpitações no centro de força cardíaco com a proximidade do trono onde estava uma criatura sentada de costas para eles. Ela cambaleou e foi imediatamente amparada por Daniel.

— É preciso se controlar ou não poderemos dar continuidade ao trabalho.

— Eu preciso ver o rosto dele.
 — Você o conhece Ana. — Disse Daniel.
 — Essa vibração realmente não me é estranha, Deus! É aquele Espírito chefe de falange que veio por mim na desobsessão? Sim, é ele! — Ela dá a volta e vê o seu rosto. — Daniel, ele foi o meu pai em Albi na França, ele foi o Cardeal de e...

— Vamos sair daqui agora! — O Espírito Guia, Daniel pegou a mão dela volitando para fora.

* * *

UM FIO DA TEIA _ Inglaterra -século XVI

O Castelo Monte Verde destaca-se no cerro, grandioso, imponente.

Carruagens não menos luxuosas transpassam seus portões trazendo dentro delas os nobres da província para o grande baile. O baile da vitória do Lorde Eduardo Hargreves, em nome do rei Henrique VIII, na verdade ele comemorava a sua vitória, onde amolgava ao seu bem querer os pobres colonos e tomando suas terras.

Lordes e damas desfilavam nos salões seus trajes elegantes, suas jóias entre gestos finos e sorrisos hipócritas. Suas mulheres rodopiavam como cisnes no lago só perdiam o ar majestoso ao degustarem aves exóticas e novilhos suculentos, disfarçavam limpando nas cortinas os dedos ensebados.

Eduardo e Margareth encaminham-se discretamente para uma das salas onde podem conversar reservadamente, beijam-se, trocam juras e confirmam o plano.

— Fique tranqüila no mais tardar a semana que vem nós estaremos livres minha querida!

— Estou com quatro meses de gravidez e temo que ele descubra que o filho não é dele, eu temo por nós dois Eduardo.

— Já decepcionei você? Eu não me livre de Vitória e todos pensaram que ela morreu devido ao parto por que essa insegurança? Ernest não é ninguém! Já está tudo preparado o pegaremos a caminho da província, pensarão que ele foi vítima desses andejos bárbaros que estão aos montes por ai. Agora vai ou darão por nossa falta, vai meu amor e não se preocupe.

Margareth retorna calmamente ao salão, agora se sentia mais aliviada, pois não via hora de unir-se ao seu amado. Logo que tudo fosse consumado daria um tempo, Eduardo assumiria seu filho Michael com Ernest e o próprio filho que ela estava esperando, e que nas vistas de todos esta criança também era filho do imbecil do Ernest, ela tomaria conta de Beatriz filha de Eduardo com Vitória. Só faltava Ernest o único entrave no caminho deles para a felicidade.

Ela observa de longe os dois conversando, o seu amante e marido, certamente Eduardo estava levando o plano adiante.

— Eu farei Lorde Eduardo, terás todas as noticias que quiseses do reino.

— Leve consigo meu caro amigo o vosso filho Michael, já é um homenzinho e precisa conhecer lugares novos, sair da barra das saias da mãe não é mesmo?

— Agradeço senhor, ele ficará muito contente. Está com nove anos e nunca saiu desses arredores o coitadinho.

— Então está feito, semana que vem partes na calada da noite e como combinamos não contes a Margareth que o menino vai contigo, sabes como são as mulheres.

— Margareth nunca foi agarrada com o menino, ele sempre foi tratado pela ama de leite. Creio que ela não nasceu para ser mãe, mas quem sabe um pouco longe desperte o sentimento maternal não é mesmo?

De longe os dois trocaram um olhar de cumplicidade selando assim a tragédia que deu inicio ao tecer da rede que arrola criaturas nas malhas de reencarnações continuas.

Por um ato impensado de Espíritos egoístas que dão vazão ao impulso de paixões desenfreadas, outros pelas circunstâncias e pela própria imperfeição que ainda lhe é inerentes se deixam arrastar no labirinto das ilusões terrenas retardando com isso a evolução.

Pobres criaturas ignorantes que cavam para si o próprio abismo que será até a própria libertação o seu cativo!

*"Quando deixa a Terra, o Espírito leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no espaço, ou permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de insaciados desejos de vingança; a alguns dentre eles, porém, mais adiantados do que os outros, é dado entreverem uma partícula da verdade; apreciam então as funestas conseqüências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, uma só é a senha: **caridade**. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injurias; **não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio**". O Evangelho Segundo o Espiritismo.*

* * *

TOCAIA

Já era madrugada quando resolveram pousar, desceram dos cavalos.

Cansados cada um foi para seu canto se enrolando num encerado, tratando logo de dormir porque o dia seguinte passariam na estrada no lombo do cavalo.

Ernest pensava na recusa de Margareth para com ele nos deveres de esposa, ela estava diferente. Será que ela tinha outro? Só em pensar isso ele sentia o sangue lhe subir a cabeça, não ela o conhecia muito bem, sabia que não sobreviveria. Com esses pensamentos ele adormece vencido pelo sono e cansaço.

Michael acorda está apertado, se afasta mato adentro.

Homens sorrateiramente se aproximam e rende a todos.

— Ernest chegou a sua hora!

— Não temos ouro, o que querem de nós?!

— Não gosto de matar um homem sem ele saber porque está morrendo.

— O que estais a dizer homens, nada fizemos por que queres nos matar?

— Lorde Eduardo nos deu muito ouro pela sua vida, a sua esposa deve ser muito especial para ele.

— Margareth?

— Sim idiota ela será a senhora de Monte Verde, agora que sabes morra! – O homem sem mais desfere um golpe certo de espada transpassando –lhe o coração.

— Onde está o menino?!

— Não sabemos, deve ter corrido, vamos procurar por ele senhor?

— Não, é só um garoto e não está acostumado com mato vai ser picado por alguma cobra, vamos embora.

— Maldito sejam eles e tu, de onde estiver me vingarei. – Falando essas palavras expirou.

— Cala-te! – O homem irado dá outros golpes, - Queime tudo ouvirem?

Michael assistiu tudo e quando vê os homens ateando fogo no corpo do pai quis correr para ele, mas foi seguro por fortes mãos que lhe tampou a boca.

— Quietos! Queres morrer também, ter o mesmo destino?

— Eles mataram meu pai!

— Vamos filho está tudo acabado, - Michael resisti em acompanhar John, estava chocado, com medo por tudo que acabara de testemunhar. – Você não pode voltar, entende que não pode?

— Sim entendo, mas um dia me vingarei. – Os olhos do menino faiscaram ódio.

— Então vamos. _ John estende a mão, o menino segura-a com força. Os dois caminham pela estrada até sumirem na escuridão.

John chegou ao acampamento carregando Michael, entrou na tenda, a mulher o esperava acordada.

— Mulher, Deus nos confiou esta criança.

Raíssa aproxima-se sem perguntas, beija o menino docemente na fronte e aponta o leito da filha.

— Deite-o ao lado de Rúbria. — assim ele fez.

Enquanto contava a mulher o sucedido olhava as crianças dormindo profundamente.

Beberam o restante de chá em silêncio nada mais tinha para ser dito, aquele dia fôra marcado pela traição, ódio e sangue, o melhor era dormir e tentar esquecer.



“Bendita oportunidade para que todos possam reparar seus erros, pois a Lei de Causa e Efeito é perfeita! Não há condenação eterna, o “castigo” que o Espírito lhe imputa é por ignorância das Leis de Deus, o perdão é incondicional, e todos estão fadados a ele mais cedo ou mais tarde”.

Gabriel

ENCRUZILHADA _ Vinte Três Anos Depois

Rúbria desperta o esposo com um beijo nos olhos.

— Acorda o sol já despontou atrás da montanha e a manhã te espera para sorrir assim como eu.

Ele abre os olhos e seus lábios se abrem num sorriso iluminando seu rosto.

— Eu preciso do seu sorriso para raiar no meu rosto e ficar assim todinho iluminado.

Ele acaricia seus cabelos negros caídos como uma cascata sobre seus ombros.

— Os homens te chamam para ir a cidade.

— Sim precisamos levar alguns animais para vender e... — ela o interrompe.

— Meu coração está com aquele aperto, eu não quero que vá.

— Sabe que não acredito nessas coisas de seu povo, além do mais o que pode me acontecer Rúbria? Fique calma estarei com os outros, não entendo a sua aflição. Se tivesse algo para suceder conosco as outras mulheres também pressentiriam não é verdade? Elas pressentiram alguma coisa?

— Não. — Disse ela abaixando os olhos numa só tristeza.

— Rúbria não fique assim, antes do cair da noite estarei de volta, prometo.

— Eu sinto desde pequena mesmo quando estava em seus braços, uma sensação de abandono, só que agora está muito forte.

— Pare com isso, sabe que jamais abandonaria você e a nossa filha, eu as amo, é tudo que tenho de caro nessa vida!

Rúbria reparou nas olheiras fundas de Michael.

— Voltou a ter aqueles pesadelos não foi?

— Não, é que fui deitar tarde estava com os homens separando os animais.
 — Vi a hora que chegou. Você rolou a noite toda na cama, parecia conversar com alguém.
 — Sim os pesadelos voltaram, mas não se preocupe tudo vai ficar bem.
 — Me preocupo sim e você sempre me diz isso. Sinto algo no ar Michael! E esse algo que não sei, me assusta, não estou gostando disso há algo além de nós, espíritos.
 — Sabes que não acredito nestas coisas...
 — Mas eu sim! – ela o interrompeu quase gritando.
 — Michael, Michael vamos!!! – Homens o chamavam para ir para cidade.
 — Estou indo! – Ele num pulo se vestiu, lavou o rosto e ajeitou os cabelos. Rúbria continuou abaixada sentada sobre os pés cabisbaixa fitando o chão, parecia vencida. Sabia que algo iria acontecer que mudaria sua vida e sentia-se impotente como se houvesse realmente uma sentença do destino.
 Ele abraça-a por trás com força.
 — Não fique assim tudo vai dar certo, eu prometo. Antes quero ver o sorriso no seu rosto, quero ao sair ao olhar a manhã saber que ela plagiou você. – Rúbria sorriu forçadamente, ele beijando-lhe os olhos e saiu.
 Ela olha ao redor da tenda, sente que o encerado está cada vez mais apertando, apertando a ponto de sufocá-la é assim que sente o seu coração. Lágrimas rompem em dor num choro convulsivo, seu corpo estremece no chão pelos soluços.
 _ Mamãe por que ta chorando? – Anne abraça a mãe, com suas mãozinhas acaricia o rosto de Rúbria banhado em lágrimas.

Nota do autor espiritual: Rianne reencarnando como Anne, filha de Michael e Rúbria, ou seja, Joseph e Warlla.

Entre Lobos e Ovelhas

Um cruzamento, uma carruagem luxuosa é impedida de seguir seu rumo, uma das carroças tem um dos eixos quebrado e do outro lado algumas ovelhas fecham o atalho.

John tenta com seus homens retirar a carroça, percebe que uma ameaça paira no ar.
 — Por que paramos aqui?! — Filipi abriu a porta da luxuosa carruagem dirigindo-se a sua escolta.
 — Uma carroça senhor, quebrou o eixo e está bloqueando a passagem! Vamos seus desocupados retirem essa joça daí agora!
 — É o que estamos tentando fazer, só que precisamos descarrega-la pois está muito pesada.

Michael junto com outros homens tentavam retirar as ovelhas que atravancava a passagem do pequeno atalho.

Estupefato parou o que fazia erguendo a cabeça ao reconhecer uma voz.
 — Filipi meu filho o que está acontecendo? Volte para cá! – Era Margareth.

Michael olhou para o rosto do rapaz não aparentava mais que vinte e cinco anos. Era filho dela com o assassino, ele sentiu o mesmo ódio daquela noite, seus olhos ficaram escuros e seu coração disparou batendo em descompasso, ele sem que ninguém do bando percebesse saiu mato adentro.

¹ A oportunidade era aquela para quem espreitava uma brecha, para quem esperava ancorar a mesma vibração.

Maldito! Roubou minha vida, tudo que era meu, não pode ficar assim eu vou fazer justiça! Bastardo almofadinha fruto da traição e por ele que me vingarei deles, sim é isso! Para ela é como nada tivesse acontecido como eu não tivesse nunca existido, cadela, prostituta! – Ernest estava cego pelo ódio não percebendo que sua vingança seria as custas da felicidade do próprio filho.

Mas Rúbria, Anne? Não, não posso deixá-las. – Um momento de lucidez que é de imediato contornado pelo artifício preciso da personalidade do invisível. — Elas ficarão bem na tribo, sim os pais dela não as deixarão desamparadas, eu não posso deixar o assassinato do meu pai impune.

Mas preciso de dinheiro, muito dinheiro! Não tenho nada, com esses trajes nem chegarei perto deles. – A entidade partilhando dos pensamentos de Michael ficou inquieta buscando uma solução, e projetou uma falsa lembrança da infância na mente do rapaz para lhe servir aos seus

propósitos. Sim, ele guardara uma boa quantia, além de jóias, parte que ele pegava dos impostos sem dar conta a Eduardo, nem Margareth sabia disso e tão pouco do esconderijo.

O rapaz captava as projeções plenamente. - Lembro que certa vez papai me levou com ele para guardar umas jóias, era perto de nossa casa... Sim me lembro bem, uma fenda na pedra! Irei lá imediatamente não perderei mais tempo.

Nota: (1) O obsessor espera o momento propício para atuar sobre o indivíduo. O que devemos nos conscientizar que isso só ocorre porque o obsediado em questão baixou o nível vibratório sintonizando o mesmo padrão dando assim campo a obsessão. A afinidade moral entre o obsessor e obsediado é intergrada.

A obsessão é: Influência maléfica de espíritos sobre a vida mental e conduta mais ou menos persistente. Geralmente se dá por espíritos menos esclarecidos ou embotados pela perturbação que se encontram.

Segundo Emmanuel e Scheila, pelas mãos do médium Francisco Cândido Xavier, os perigos prováveis para ficarmos alerta são:

- a cabeça e as mãos desocupadas;
- a palavra irreverente;
- a boca maledicente;
- a conversa inútil e fútil, e prolongada;
- a atitude hipócrita
- o gesto impaciente;
- a inclinação pessimista;
- a conduta agressiva;
- o apego demasiado a coisas;
- o comodismo exagerado;
- a solidariedade ausente;
- tomar os outros por ingratos ou maus;
- o desejo de apreço e reconhecimento;
- o impulso de exigir mais dos outros do que de nós mesmos;
- fugir para o álcool ou drogas estupefacientes.

O Livro dos Médiuns _ Cap XXIII

237. Entre os escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, cumpre se coloque na primeira linha a **obsessão**, isto é, o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.

Hoje

SOCIEDADE DOS IRMÃOS SOL - SIS

Irma chegou ofegante em casa iria ao SIS, falavam muito bem desta instituição, dizia que a doutrina era muito boa, a casa era esotérica trabalhavam com cristais e magia branca, isso a deixava curiosíssima. Mais ainda e isso era inegável pelos trabalhos espirituais feitos lá, uma amiga disse que era batata! E ela estava de um empurrãozinho na área amorosa que estava toda enterrada.

A dirigente do lugar se chamava Mariângela disseram que ela tinha dons mediúnicos incríveis e muito dos médiuns que hoje lá trabalhavam conseguiram através de suas entidades resolver a vida em todos os sentidos. Será que Ana iria com ela? Ana é espírita é verdade, mas ela é mais aberta pelo menos sempre se gabou disso, agora poderia provar ou será só demagogia?

— Chegou cedo hoje.

— É que vou num lugar e gostaria que você fosse comigo.

— Que lugar é esse agora Irma? Não é mais um centro esotérico maluco é?

— Não, está enganada desta vez, lá tem até médiuns e não paranormais ou canais que você diz que é tudo a mesma coisa mesmo e recebem entidades e não mestres. Vamos Ana o lugar é longe e fico com medo de voltar sozinha. E você...

— ... Tudo bem Irma eu vou, espere-me trocar a roupa.

— Ah! Você é uma amiga mil!

Ana sabia que Irma era avoada e sempre se metia em encrencas.

Atravessaram a cidade e quase uma hora depois chegaram ao bairro, agora era só procurar a rua, as coordenadas que não tardaram vindo de um vendedor de balas. — Segue em frente tia, é a primeira a direita. Vai uma balinha aí pela informação? — Irma comprou um pacote de bala de hortelã.

Enfim estavam diante do prédio de fachada simples, mas aconchegante, um jardim bem cuidado, bonito, na entrada imagens de santos, anjos e de Jesus.

Os médiuns estavam vestidos impecavelmente de branco, as vistas, o lugar era aprazível. Uma das médiuns ao avistar Irma acenou e veio em nossa direção, se chamava Érika.

— Que legal Laura você vim, gostou do centro?

— Não falei que viria. Essa é Ana uma amiga. — Esta acenou a cabeça para moça e sorriu.

Tudo era muito bonito, agradável, mas ela, Ana não estava muito a vontade. Talvez tivesse realmente preconceito com esse tipo de lugar, e isso estava influenciando seu estado vibracional e causando aquele mal-estar. Precisava trabalhar essa maneira sua de ver lugares como estes, não julgar antes de conhecer, estudar e mesmo depois não julgar porque não somos detentores da verdade ¹ como disse Kardec.

A moça nos apresentou Mariângela, uma simpatia realmente.

— Está gostando da vibração da casa? Mariângela direcionou a pergunta para Ana.

— Sim é muito boa.

— Vejo que trabalha mediunicamente.

— Sim trabalho num centro espírita.

— Certamente voltará aqui outras vezes. Agora vamos dar inicio aos trabalhos participa conosco?

— Eu? Eu não estou preparada... eu... — Mariângela a puxou para o círculo dizendo.

— Quem trabalha com o Mestre e pelo Mestre está sempre preparado.

Ana entrou no grande circulo desenhado com giz branco no chão.

Começaram cantando uns mantras e depois cada um fez um gesto peculiar.

Ana olhava aqueles rostos e algo estranho se deu. Os rostos pareciam apenas máscaras de carne que se transformando em outras máscaras e outras... Deus! Não são máscaras e sim outros rostos, rostos que ela tem visto nas regressões! Como? Ela sentiu um frio na boca do estômago quando viu Margareth, Joseph, Elizabeth, Eduardo, quase todos que estiveram com ela no passado... Ela vê um Espírito se aproximar de Mariângela e ficou passada quando reconheceu Filipi.

Pétalas de margaridas amarelas são jogadas no chão por onde ele, Filipi passava.

— Como vai?

— Bem. — Ana respondeu engolindo em seco.

— Sabe quem sou?

— Creio que sim. — Só restava saber se ele sabia quem era ela.

Os trabalhos terminaram, Ana desceu as escadas em silêncio que foi logo quebrado por Irma.

— E aí você gostou, vai voltar?

Ela não respondeu, não sabia o que responder. Sentia-se perdida tudo aquilo parecia uma loucura, uma peça de mau gosto pregada por algum Espírito galhofeiro, sim era isso, só podia ser. Os seus pensamentos estavam fazendo um torvelinho em sua cabeça, ela se recolheu em prece, precisava sentir a paz em sua alma.

As luzes mercúrio reverberaram pelo vidro da janela do ônibus, Ana tinha o olhar distante, fitava as estrelas no céu e pedia ao Creador discernimento e força para passar por aquela prova de confrontar no presente, o próprio passado.

(1) Livro dos Médiuns Allan Kardec – Capítulo III Item 4

* * *

NAS TEIAS DAS TREVAS

O corredor era imenso, tão grande que Ana não conseguia precisar sua extensão e tão pouco o número de portas, teias desciam pelo teto, grossas, empoeiradas. Uma porta em particular chamou a atenção, tinha cravado em seu portal incontáveis pedrarias em seu corpo de ouro maciço. Ana girou a maçaneta e suavemente a porta se abriu levando aos seus pulmões o perfume dulcificado do sândalo, ela entrou. Seus pés pisaram em tapete escarlate e era tão fofo ajoelhou-se para senti-lo.

Teve sua atenção despertada por uma escadaria alva em mármore, subiu o primeiro degrau e viu a medida que subia, pálios a sustentar anjos esculpidos lindos! E quanto mais se aproximava do ápice, ouvia deleitosos cânticos angélicos. No fim da escada outra porta, ela estava entreaberta, ela empurrou-a, e tudo aconteceu muito rápido, ela foi contra sua vontade precipitada para dentro.

— Ela não é uma de nós, não?

— Não, vê a luz. Será que o Mestre sabe que há alguém do outro lado aqui? – A voz era feminina, tremula e esganiçante.

— E sozinha.

Ana recobrava os sentidos, mas ainda estava atordoada demais para reergue-se e foi com esforço que alcançou uma árvore e se agarrou a ela. Olhou ao redor, não era desconhecido estivera ali com Daniel, mas porque aquela porta em ouro e pedrarias, os cânticos e anjos? Sim, foi uma armadilha, mas por que quiseram atraí-la pra lá? Caminhou cambaleante, rajada de vento álgida levantavam a areia enegrecida, sentia seu corpo perispiritual pesava-lhe, como isso era possível?

Será que chegou ali por acaso ao se desprender do corpo físico através do sonho ou foi realmente atraída de propósito por ¹Dionísio?

— Acertou? – Era Dionísio

— O que você quer comigo?

— Você não está fazendo um trabalho comigo? São um bálsamo aos meus ouvidos as palavras do Evangelho, o que quer com isso Sílvia me doutrinar? Mas onde está seu protetor que não estou vendo? – Ana olhou em redor buscando Daniel, em vão estava só.

— Que peninha! – Ironizou.

Criaturas antes escondidas se aproximavam, carregava em seus semblantes um ar de desconfiança.

— Vou embora daqui!

— Não gostas do reino de Gregório desdenha do lugar que a abrigaste por anos perdidos? Como é ingrata!

Ana percebe que outros Espíritos se aproximam e repara no Cordão de Prata que eram Espíritos desprendidos do corpo como ela em estado de emancipação. E seu espanto foi maior porque reconheceu nos presentes muitos de seu relacionamento, e da sociedade capitalista, políticos.

Dionísio subiu em uma tribuna improvisada e dirigindo-se a todos com empáfia e austeridade começou o seu discurso.

— É preciso que eles continuem ignorantes, cegos em todos os sentidos, assim como ovelhas guiadas pelos seus pastores. Dêem a eles o pão e a água, mas nada, além disso. É preciso atrofiar suas mentes, dominar a vontades deles e principalmente estimular a fé cega, não raciocinada, esta é a grande ameaça para nós neste momento, eles terem em mãos o esclarecimento. Continuem dando corda aos seus ideais políticos, alimentando a sede pelo poder, o domínio. Tudo democraticamente

disfarçado dêem corda aparentemente sejam maleáveis, mas dirigindo-os sem que se apercebiam com mãos de ferro.

Conto com todos cada qual em seus postos firmes e fortes que iremos vencer! – O aplauso foi geral na súcia.

— Vejo repugnância em seu olhar Ana, pensas que é melhor que nós? Se fosse não estaria presa na Terra minha querida.

— E você pensa que tem esse poder todo, você não passa de um coitado! – Ele partiu para cima dela lhe esbofeteando.

— Quem você pensa que é uma mediunzinha de terceira categoria querendo ter ares de santa. Cuidado! Onde e com quem está se metendo ou sofrerá conseqüências!

— Fará o quê? Não estamos no tempo da Inquisição e você não poderá repetir o que fez com minha mãe!

— Quem? De quem você está falando? – Ele ficou confuso por alguns instantes, não lembrava desse fato, ignorou rebatendo. – Posso destruir parte de sua parte, aniquilar!

— Eu não sei do que você está falando, mas uma coisa eu sei, eu odeio você, você é um monstro!

— Essa é você Rúbria, cheia de ódio e querendo sempre vingança.

— Pro inferno!

— Estamos! – Ele gargalhou, - Você não se meta ou eu vou cobrar de você também, é o único aviso que dou. Deixe os dois lugares e esqueça tudo.

— Não, você não me dá ordens! – Ele se aproxima em atitude ameaçadora.

Ana recua acuada.

— Você não vai fazer isso. _ Ele pára.

— Que bons ventos lhe trás ao meu reino Wirnna?

— Você está molestado minha protegida.

— Aqui é o meu território.

— E respeito. Vim buscá-la.

— Tente. – A um sinal dele os demais fizeram um cerco em torno das duas.

Wirnna enlaçou a mão de Ana e puxou uma cruz.

— Sabes que não a temo, pelo contrário eu a adoro! – Ele gargalhou.

Wirnna continuou inabalável.

O mal só existe pela inibição do bem;

O Ódio, a inveja, o egoísmo, o desamor em mim não tem sustentação;

Domínio e feitiço eu desmancho com a cruz na minha mão;

Venço o mal

Venço demandas

Com fé nesta oração

São Miguel Arcanjo e Seus Anjos

Dai-nos vossa proteção

Sancte Michael Archangele, defende nos in praelio;

Contra nequitieam et insidias diaboli esto praesidium.

Imperet illi Deus, supplices deprecamur: tuque, Princeps militiae coelestis.

Satanam aliosque spiritus malignos, qui ad perditionem animarum pervagantur in mundo, divina virtute, in infernum detrude, - Dionísio e seus comandados recuaram.

Com água se apaga o fogo

E a cruz libertação

Nossa estrada é de flores

Com Deus em nosso coração

O Pai, a Mãe, o Filho e o Espírito Santo;

Sublimes luzes do nosso caminho

Sagrada Cruz nos proteja

Não nos deixando andar sozinhos... Nos proteja Arcanjo Miguel!

A luz que as envolvia antes tênue se tornou ofuscante e ambas foram arrebatadas daquele lugar.

Ainda no corredor das portas Wirnna chamou a atenção de sua pupila.

— Paguei caro Ana pela falta de prudência e um lugar como aquele não é para ir sozinha. O que o Mestre nos ensinou? “*Sedes mansos como as pombas, mas prudentes como as serpentes*”. Fui buscadora como você, mas em tudo é preciso discernimento e equilíbrio. Como lhe disseram a mesma escada que sobe é a mesma que desce, portanto antes de tudo é preciso saber repito, o que lhe foi

dito em que degrau nos encontramos na escada, porque qualquer deslize sobrevém o desequilíbrio e conseqüentemente a queda.

Não se vê a amplitude do universo com os olhos presos no chão, mas também não se vê a grandeza do mundo com os olhos perdidos no cosmo.

O buscador antes de sair a buscar precisa encontrar a si mesmo, voltando ao exemplo da escada saber quem é ele, e em que degrau da escada se encontra. Se as cegas descer não saberá como subir e se as cegas subir não saberá como descer, pense nisso minha filha... Todo labirinto tem uma saída, mas é preciso dele ter o indispensável conhecimento para encontra-la em tempo hábil.

Wirrna abraçou longamente Sílvia e sorriu.

— Conte comigo. — Dizendo isso desapareceu.

(1) – Dionísio – Veremos esse espírito desperdiçando numerosas oportunidades para sua própria redenção.

O Livro dos Espíritos

459. Pergunta: Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

Resposta – "Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem."

Centro Espírita Trabalhadores do Bem

Ana adentra a casa espírita para mais um trabalho mediúnico. A prece de abertura dos trabalhos é feita solenemente por um dos companheiros. Todos compenetrados recebem os eflúvios emanados pelos mentores, dando início a reunião socorrista daquela noite.

Após o estudo das obras básicas espíritas, Daniel se apresenta para dar continuidade ao relato do caso Dionísio, espírito que estava nos planos da casa para ser socorrido.

RETORNANDO A INGLATERRA

Resumo

Michael dobra a fortuna faz grandes amizades no reino. Investiga a vida dos Hargreves e descobri Beatriz filha de Eduardo com Vitória, solteira, se aproxima fazendo-lhe a corte e casando-se com ela.

Aos poucos se revela ao sogro e disputam entre si o poder do lugar.

Beatriz fica grávida e tem um menino.

Em uma discussão com Michael, Eduardo sofre um derrame cerebral e fica em estado vegetativo. Ernest espírito atuou ofensivamente para que a situação chegasse a esse ponto.

Rúbria deixa a tribo e procura Michael e descobre que ele se casou novamente e tem um filho, ela se revolta.

Filipi é atraído por ela e se casam.

Michael ao vê-la no dia da cerimônia fica possesso, mas é impedido pelo espírito obsessivo de reagir e o casamento se concretiza de fato.

Rúbria e Michael não se falam.

Beatriz tem outro filho uma menina.

Rúbria também tem um filho com Filipi.

Doze anos se passam e Anne deixa também a tribo buscando um prostíbulo para ganhar a vida.

Mas Ernest não satisfeito apenas com a doença de Eduardo passa a obsediar Anne e ela não esboça nenhuma reação, pelo contrário.

Numa festividade mais íntima no Castelo Monte Verde, Anne entra no salão de festa e revela que é filha de Rúbria com Richard, ou melhor, seu verdadeiro nome Michael.

Margareth só então reconhece nele o filho, é muito forte o choque que teve e sofre um ataque cardíaco.

Filipi revoltado avança para agredir Anne, e Rúbria se coloca na frente. Ele empurra a mulher, partindo para cima da menina tentando enforcá-la, Michael, toma a defesa da filha e os dois travam uma luta corporal no chão.

São separados pelos presentes depois de muitas tentativas.

Logo em seguida chega a notícia do falecimento de Margareth.

Eduardo assiste tudo agoniado preso no corpo inerte. E vê claramente Ernest, o homem que mandou matar, ali, jubilado pelo desfecho daquela situação.

Tudo parecia seguir seu curso sem mais tragédias até a volta de Anne para a tribo.

Beatriz receia perder Michael que está distante, indiferente, e convence Filipi a colocar veneno no reservatório de água e acabar com o único elo que poderia reunir os dois.

Na calada da noite homens a seu mando cumprem as ordens.

O veneno faz efeito aos poucos e quem bebe daquela tina adoece e a mãe de Rúbria não resiste falecendo.

John corre ao Castelo Monte Verde e dá a filha a terrível notícia, a morte de sua mãe e Anne com a mesma doença está muito fraca, e dezenas de outros ciganos estão no mesmo estado.

Rúbria recebeu os ensinamentos de alquimia da Tradição passados pela mãe a ela juntamente com Michael.

Ela se inteira da situação e se desespera com o estado da filha e dos demais, precisaria encontrar a erva depurativa forte e tentar rapidamente limpar o sangue. Teria que conseguir uma quantidade significativa ou não surtiria efeito algum. Precisava da erva urgentemente, mas onde encontra-la? Michael, sim ele estava morando ali a mais tempo e certamente saberia dizer onde buscar.

Ela vai a propriedade dele e entra passando por cima de tudo e todos que querem impedi-la, o encontra na sua luxuosa sala reunido com pessoas ilustres da corte. Explica rapidamente o que está se passando na tribo e pergunta se ele sabe onde tem a erva. Ele diz que sim, mas o lugar é difícil de ser encontrado. Rúbria pede que ele vá com ela, ele fica indeciso, pois tem convidados importantes prontos para ser seus aliados.

_ Espere alguns minutos apenas, só o tempo de despachá-los está bem? Rúbria espera. Os minutos passam e ele fala de Eduardo que passou para Filipi os seus encargos sem a aprovação do conselho.

Rúbria bate a porta e sai.

Ela vai até o local e encontra a erva só que em pouca quantidade, procura a tal fenda na rocha que ele havia dito, mas não encontra.

Cavalga de volta o mais rápido que pode, o vento lhe agoita o rosto, sente seu coração pesar pelo remorso. Sim, só pensou nela deixando Anne para ir atrás de Michael e vingasse.

O cavalo parecia trotar lentamente, com o chicote ela agoitava sem dó o lombo do animal, com se fosse possível recuperar o tempo nas patas de um cavalo.

Lembra-se do nascimento de Anne, da alegria na tenda de seus pais e alegria de sua mãe ao apresenta-la a Deusa Diana. E Michael seu choro misturado com sorriso, e o medo de segura-la e machuca-la.

_ Foi veneno, envenenaram a água, foi Filipi, Filipi! – Ela ouve uma voz murmurando em seus ouvidos e depois a gritar. – Ernest dava os últimos passos para concretizar sua vingança.

Rúbria chega a aldeia derruba os tachos e pede água da fonte para cozinhar as raízes. O remédio é pouco não dá para todos, ela está perdendo Anne e se desespera, seu corpo está coberto por bolhas e é tomada por ânsia de vômito e espasmos.

Michael chega trazendo mais raízes, ela corre para fazer mais chá.

Ele vendo Anne nos momentos derradeiros chora copiosamente abraçando a filha lhe pedindo perdão.

Anne num esforço tenta levantar as pálpebras caídas e buscando as últimas forças naquele corpo quase necrosado, sussurra.

— Eu não te perdôo. — E expira.

Rúbria não chora. Prepara as raízes e dá o chá aos outros e fica ao lado deles até todos não correrem mais perigo.

Anne é cremada.

Rúbria volta a tenda pega o punhal do pai e vai para casa.

John dar por falta do punhal e alerta Michael que sai a galope atrás dela.

Ela entra no Castelo Monte Verde, o Lorde Eduardo está sentado imóvel na cadeira. Ela se aproxima de Filipi com uma das mãos para trás segurando o punhal. Eduardo vê o punhal na mão da nora e quer alertar o filho, mas não consegue fazer um movimento, continua ali estático. Rúbria abraça o marido beijando-o longamente. Ela ergue o punhal, Michael corre para cima deles tentando impedi-la, segura sua mão. Filipi apavorado tenta se desvencilhar de Michael que acredita querer mata-lo. Rúbria e Michael segurando o punhal crava mortalmente no abdômen de Filipi que cai esvaindo-se em sangue.

Eduardo vê Ernest soltar as mãos dos dois, Rúbria e Michael e sair tranqüilo pela porta.

Daniel termina seu relato.

Alguns médiuns querem saber o que aconteceu com a família Hargreves e mesmo do Dionísio e fazem de perguntas.

— E o que aconteceu com Rúbria? Ela foi presa?

_ Não. Michael provou que ele matara o cunhado, nós sabemos que o irmão por legitima defesa e tudo foi abafado não indo adiante.

Rúbria pegou o filho e foi embora sem levar nada daquela casa. Voltou para tribo lá criando seu filho e cuidando da tribo.

— Ela não amava Michael?

— Só ela poderá responder isso.

— E o Lorde Eduardo?

— Viveu muitos anos confinado naquele corpo amargando suas faltas.

— Michael continuou com Beatriz sendo ela responsável pela morte da filha dele?

— Ele não ficou sabendo disso. Se prestarmos atenção todos foram, deixaram se envolver pela obsessão e subjugação de um espírito, claro que isso não os inocentam, mas é inegavelmente um atenuante.

Michael continuou casado com Beatriz, tinham filhos. Mas ele mudou, se afastando de casa vivendo numa cabana junto com os colonos, largou os negócios e terminou seus dias entregue a bebida.

* * *

FRANÇA _ Século XVII

Para entendermos mais profundamente o desfecho da saga que esses espíritos estão envolvidos para o reajuste com a Lei de Ação e Reação, vamos passar rapidamente o histórico da próxima reencarnação.

Beatriz reencarna na pobreza como genitora de cinco espíritos entre eles Ernest e Filipe, ou seja, esses espíritos tendo uma nova oportunidade perante a Lei reencarnando como August e Fred.

Os dois têm destinos distintos aumentando assim a aversão entre ambos. Fred cai nas graças de um senhor de posses que passa ser seu tutor, ou seja, Eduardo reencarnado.

Fred se casa tem filhos e se torna um homem de poder, mau caráter, mulherengo.

Tem um filho bastardo com Margot ou Margareth. Essa criança bastarda é doada a um casal de espanhóis para adoção, Michael ou Marcus.

August se torna um homem de poder dentro da igreja católica e os dois continuam em prélio acirrado.

Marcus descobre após a desencarne dos pais que é filho adotivo e volta a França a procura dos pais verdadeiros, ou seja, de Fred e Margot.

Inteirado da situação entre seu pai e August se aproxima do último e se tornam amigos. Conseguiu com isso a inimizade, o desprezo gratuito do pai.

Marcus conhece Sophie (Rúbria) num baile de máscaras, os dois dançam a noite inteira.

Fred homem da noite é freqüentador assíduo de uma casa noturna que presta diversão aos homens e também para quem pode pagar certos favores.

Sophie e filha da proprietária.

Marcus começa a freqüentar o lugar para se aproximar mais do pai. Ele reconhece Sophie e não se conforma por ela viver naquele ambiente, passa a beber além da conta. O que ele não sabe é que ela não presta favores, ela é estudante em férias, foi apenas visitar sua mãe.

Fred se encanta pela moça, quer possui-la a todo custo e aumentar a sua coleção, porém não se dá bem nas suas investidas.

Bêbado após ver Sophie se divertir no salão com os flertes, Marcus após insultos pesados a ela pergunta atirando dinheiro na sua cara qual o seu preço? Os seguranças do local o espancam, mas ela pede que parem e o leve para seus aposentos, lá ela cuida dele. Ele entre gemidos enquanto ela limpa seus ferimentos fala de seu pai, que ele tem irmãos, que ele é o filho bastardo de Fred.

As semanas passam e Marcus enciumado pede Sophie em casamento e ela recusa. Novamente ele pergunta qual o preço dela? E a humilha diante de todos como mulher. Neste momento ela avista Fred no salão e se dirigindo a ele pergunta bem alto.

— Me paga um drinque?

— Quanto quiser senhorita!

— O meu preço é o custo de um drinque Sr. Marcus, para homens é claro de verdade. Nos sirva em meu quarto! — Ela faz sinal para Fred acompanhá-la.

Fred passou a noite com Sophie, sabia que estava sendo usado por ela para afrontar aquele rapaz e sentiu mais ódio por ele, além dele ser amigo do seu irmão era um rival.

Sophie não retornou ao colégio sua mãe contraiu tuberculose.

Marcus continuava indo ao salão se embriagando e dormindo com as mulheres.

Foi no meio da tarde através de uma delas que Sophie tomou conhecimento de um encontro de Marcus marcado por Fred naquela tarde nos arredores da cidade.

Sophie pega a charrete e vai até o local e chega a presenciar Fred esfaqueando várias vezes Marcus. Ele Fred passa por ela como nada tivesse acontecido. Ela rasga o vestido tentando conter o sangue que esvaia de seu corpo.

— Pai eu te perdoo.

— Fique quieto vou buscar ajuda.

— Não, fique comigo. Eu te amo Sophie, por que você me menosprezou?

— Porque sou uma boba, por favor, não se esforce.

— Você me ama?

Ela rasga mais pano do vestido, pois o que estava ficou ensopado.

— Eu amo sim! Marcus? Não!!!

Sophie abraça o corpo sem vida do homem que ela julgava odiar, mas amava, amava com dor! Era tarde demais.

Ela se ergue, olha em torno o campo queimado gélido, o céu acinzentado... Parece tudo morto, como ela se sentia por dentro.

Sophie sobe na charrete e dispara em direção do despenhadeiro. No último instante, porém ela puxa as rédeas.

A moça retorna a cidade e procura Fred e o encontra. Com os olhos sem vida e a voz seca revela a verdade que detinha já a algum tempo.

— Aquele homem que você covardemente assassinou é o seu filho bastardo e não sei inimigo como sempre julgou. — Sem mais palavras ela se volta e vai embora.

Sophie contrai a doença da mãe e desencarna pouco tempo depois.

Fred e August desencarnam idosos e levando *a contenda para o outro lado da vida*.

* * *

FRANÇA – XIX

Sophie reencarna nos meados do século dezenove como Madeleine, sobrinha de camponeses. Outros espíritos são reunidos juntando a estes para cumprir a lei de causa e efeito resgatando assim suas dívidas. Vamos ao relato.

— Senhora Madeleine o Sr. Mórus agoniza, grita pelo médico, pode mandar alguém chamar?
— Sim, vai chamar. — Ela sobe as escadarias sem pressa, seu rosto não revela nenhuma preocupação pelo estado do moribundo. Pára diante da porta, inspira profundamente como buscasse coragem para entrar naquele recinto.

August Mórus avista a jovem esposa, limpa a baba catarrenta que lhe engasgava em tosse longa e torturante.

— Espera minha morte não é minha bela Madeleine? Esta louca pela liberdade para que possa desfilar esse colo nu nos salões deixando ávidos, loucos de paixão os homens, como a invejo!

— Você me dá nojo!

— Eles disputarão a sua atenção, cairão a teus pés, lhe oferecerão flores e jóias... — Novamente é acometido por outro ataque de tosse só que desta vez golfa sangue.— Já mandou vim o doutor?!

— Você não precisa de médico e sim de um desses abutres vestido de preto!

— Herege!

— Hipócrita! — Ela vai até a janela sente enjôo, ânsia de vômito em olhar aquele homem, homem? Não ela não queria lembrar, tentou se distrair olhando os pássaros em árvore próxima.

— Se existe inferno Madeleine de lá estarei torcendo por sua desgraça.

— Por que me odeia tanto? Por que me fez odiá-lo também? Por que se casou comigo se não tinha nenhum amor por mim?

— Quem disse que eu não ti amava? Você é tudo que sempre quis ser e não entendo esse erro de Deus. Esse corpo grosseiro, sem delicadeza, sem formas eu nunca pude atrair aqueles que amei! Amei sua pele fresca, seus cabelos macios, suas curvas... E quando eles te possuíam na minha frente, imaginava-me ali em teu lugar... Só que para ter a minha bela esposa teriam que possuir antes a mim! A tua tia me vendeu muito barato, porque você me proporcionou prazeres incalculáveis, só não pude ser você.

—... Calá-se!

— Como não podia ser você, sentir o seu prazer de ser possuída castiguei-te muitas vezes, ah Madeleine me perdoa por não respeitar teu corpo, mas o prazer em ver-te gritar ao ferir tuas entranhas. Etranhas que não eram meu desejo em penetrar e sim em ter.

— Você é louco.

— Sim minha bela Madeleine louco para ser o que não sou, o que a natureza não quis.

Madeleine esgueirou um olhar e teve a nítida impressão que um homem estava sobre seu corpo e lhe apertava o pescoço e não via no leito o corpo de seu marido e sim um corpo de mulher sendo enforcada. Ele foi ficando roxo e com os olhos esbugalhados expirou.

A jovem senhora chama os empregos e pede que mande o padre lhe encomendar o corpo e vai até o quarto da tia.

— Como está August?

— Morreu. Agora quero a verdade titia, você me vendeu para ele não foi?! Você nunca esteve doente não é verdade foi tudo uma farsa, por que minha tia responda-me por que?!

— O velho contou-lhe tudo, não adianta negar. Não estou doente.

— Por que me fez acreditar que sim me levando a casar-me com aquele homem?

— Porque estava cansada de trabalhar na lavoura, de esfolar minhas mãos na terra. Eu podia ser dona dessa fazenda, desta casa se não fosse Lucy a sua mãe, minha irmã. Ela sabia que eu amava Edgar, ele era rico e nossa família estava em plena decadência com as guerras. Ela só pensou nela se casou com ele a despeito dos meus sentimentos, depois venho me dar migalhas. Meus pais faleceram e eu fiquei só, muito tempo depois que conheci o seu tio Luis. Um pobre coitado que por ironia do destino era empregado de seu pai. Edgar morreu na guilhotina, foi acusado de traição e a maldita da sua mãe morreu logo depois, desgostosa, coitadinha era tão frágil. Todos os bens foram confiscados, inclusive essa fazenda. E ainda tive que cuidar de você Madeleine, e eu quando olhava você era ela que eu via, minha maldita, traidora irmã crescendo em você. Ela que me roubou tudo, até mãe ela foi e eu?

— Por isso você me entregou aquele homem desde menina?

- Eu me vinguei Madeleine, me vinguei dela em você!
- Tia se fosse para conseguir dinheiro para tratar de sua doença tudo bem, mas foi por ódio, por vingança?!
- Veja o lado bom minha sobrinha o velho morreu e estar rica.
- Arrume suas coisas e saia daqui, fora das minhas terras eu não quero vê-la nunca mais!

Paris

Madeleine chega a Paris, jovem de dezessete anos, viúva e rica.

A situação política, social e econômica não afetou seu patrimônio e tão pouco ofuscou o seu glamour.

Como tentar aplacar suas cicatrizes deu guarida a algumas prostitutas. Tomou conhecimento do que estava ocorrendo não pelas bocas dos burgueses que freqüentavam sua casa, ela sentiu mesmo a situação após ver a irmã de uma de suas serviçais pedir para ficar com os filhos dela para ela poder se prostituir. Ela não podia ajudar todas parecia que as mulheres da cidade se entregavam a prostituição pela decadência econômica, Paris parecia um prostíbulo, era essa a verdade. Não era bem vista pelos proprietários de prostíbulos pois para eles ela estava dizimando seu negócio.

Como recebia em sua casa poetas, pintores e alguns aristocratas menos natados, ou seja, burgueses tão decadentes como a cidade – luz. Ela era taxada de prostituta mor, não ligava e repetia em tom debochado a famosa frase de Voltaire “*Posso não concordar com nenhuma das palavras que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-las*” – Viva Voltaire! Clovis coloque isso no seu jornal – Viva as prostitutas em ascensão e viva a Deusa em cada uma delas!

- Você estar bêbada Madeleine, queres ir para guilhotina?
- O meu coração já foi para a guilhotina a muito tempo meu caro amigo, há muito tempo.
- Dança comigo cherry?
- Não danço com estranhos, senhor.
- Pierre Lancaster seu criado, não sou mais um estranho.

Pierre Lancaster jovem formando em bacharel em direito. Homem agradável aos olhos das mulheres e Madeleine não ficou a ele indiferente. Ela engravidou dele, mas ele a abandonou dizendo que não poderia casar-se com ela a sua reputação de mulher partidária do Iluminismo, liberta traria repercussões negativas a sua carreira que iniciava. Ficaria com ela sim, desposaria uma moçoila de boa família e ela seria sua amante, certamente ela não aceitou.

Ele se casou com uma moça da sociedade burguesa parisiense e Madeleine deu a luz a Marcel Mórus.

O rapaz estava inconformado com a pertinência rebeldia em aceita-lo como amante a ponto de nem recebe-lo ou deixar ver o filho. Na verdade o filho seria mais um, já tinha engravidado um monte de raparigas pelo mundo afora, o que ele queria mesmo era estar nos braços de Madeleine.

Foi num desses desabafos que ele passou para uma de suas amantes o que estava incomodando. Como se tratava de Madeleine, a amante que chamaremos de Laura comenta com a velha proprietária da casa de tolerância, a tia de Madeleine.

Surge então entre os três um plano diabólico no qual será o próprio Pierre que irá executar que irá mudar toda a trajetória de vida de todos os envolvidos.

O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE MARCEL

Madeleine só tinha olhos para o filho e naquele dia de festa na mansão Mórus poucos foram os convidados, alguns poetas amigos, algumas és prostitutas e poucas damas da sociedade que

freqüentavam a casa com seus maridos. A princípio ficaram desconfiadas, mas depois de conhecerem Madeleine viam que tudo que se falava dela na cidade era mais folclore.

D. Floris, já uma senhora idosa, viúva e desimpedida de regramento freqüentava a casa de Madeleine diariamente e se comportava como avô do menino. Naquela noite resolveu pernoitar na mansão já que Madeleine estava cansada e o menino estava inquieto.

Ela leva o filho para o quarto, troca-lhes a roupa e o aninha entre os seios, ele começa a mamar sonolento e ali com o filho sobre a cama, ela também adormece.

Uma sombra de perfil masculino adentra o quarto parando diante de mãe e filho. Ele hesita, mas aquela criança é tudo que os separa, se ela o perder voltará para ele. E com essa idéia fixa na cabeça Pierre tira a criança dos braços da mãe.

No corredor ele encontra Floris e sem hesitar a empurra com força contra um dos pilares e ela tem morte instantânea.

Madeleine é despertada porém Pierre já estar longe.

Os dias passam e é encontrado um corpo de criança todo queimado e ao seu lado o brinquedo que pertencia a Marcel.

Oito anos se passaram, Madeleine parecia uma morta viva. Todo o dia sai a vagar pelas ruas de Paris a olhar os rostos infantis.

— Oi moça ta esperando seu filho? – Ela estava parada diante de um pátio onde havia muitas crianças brincando.

— Eu?

— Você está chorando. Qual o nome dele, eu vou chamar?

— Marcel, mas ele não está aqui.

— Você é bonita e moça bonita não pode chorar.

— Obrigada.

— Quando crescer vou se pintor e pintarei você, qual o seu nome?

— Madeleine e o seu?

E alguém grita pelo menino, o menino se despede, seu nome era Pierre.

* * *

VINTE E CINCO ANOS DEPOIS

Na mansão Mórus pouco havia mudado nessas duas décadas.

Madeleine, agora com quarenta e quatro anos tinha o mesmo semblante mortuário que ficou em seu rosto naquela fatídica noite que perdera o filho.

De novo na mansão Mórus foi à chegada do novo cocheiro.

Paris estava chuvosa impedindo as saídas diárias da jovem senhora pela cidade em busca de um rosto que ela mesma não sabia.

E depois de muito tempo quando o sol saiu, ele Henri pode ver o rosto da patroa sem estar na penumbra, atrás de grossas cortinas. Ela entrou cabisbaixa na carruagem sem sequer notar a mudança de cocheiro.

Na rua pela janela olhando tudo e olhando nada Madeleine voltou a sair todas as tardes de sol procurando o fantasma de seu filho, quem sabe um milagre.

Numa dessas saídas a carruagem foi interceptada por Pierre e Henri presenciou a discussão.

— Já disse não quero vê-lo Pierre.

— Maldita criança mesmo longe estar entre nós.

— Pierre me deixa em paz.

— Acorda para vida, ela pode te oferecer muitos prazeres, sim a nós dois. Madeleine, nós podemos viajar, ver coisas novas.

— Não entende que eu não quero nada com você!

— Você quer aquele bastardo de volta não é?! Deite-se comigo e te dou outro!

Ela os esbofeteia e ele tenta agarrá-la.

Henri parte para cima dele o esmurrando.

— Largue-a seu canalha!

Ele entra na carruagem, tem no canto da boca um leve corte de onde escorre um filete de sangue.

— Você mereceu o que eu fiz. — Disse olhando nos olhos de Madeleine e se foi.

O REENCONTRO

A amizade entre Henri e Madeleine foi se tornando a cada dia mais íntima, até que um dia os dois se amaram. Este dia foi o mais alegre para ela e o mais triste também. Henri adormecera em seu quarto e vendo a luz sobre o corpo nu do rapaz ela viu na parte interna da coxa um pequeno sinal na pele. O mesmo sinal de Marcel, o mesmo sinal que ela tinha nas costas. Ela entre sorriso e choro compulsivo gritou, o rapaz despertou assustado, mãe e filho novamente se reencontraram.

Contou-lhe tudo e ambos choraram abraçados no mesmo leito que ele foi retirado de seus braços, no mesmo leito que se amaram como homem e mulher, foi uma fatalidade.

Madeleine e Henri se mudam para Espanha.

Na praia da Espanha corre Natalie, fruto daquela noite de amor entre os dois.

Eles nunca mais se amaram como homem e mulher, também não se amaram como mãe e filho e sim como espíritos mesmo encarnados. Não conseguiam evitar o beijo de alma para alma e conter assim o desejo da carne.

Madeleine desencarna velha.

Natalie vai estudar num internato, depois se casa e tem dois filhos.

Henri vive isolado na praia e também ali envelhece sozinho.

VOLTANDO AO CENTRO ESPÍRITA

A reunião foi encerrada com uma prece.

Os médiuns retornaram para suas casas conscientes que tinham cumprido a primeira etapa, mas o trabalho estava apenas começando.

Aquela noite seria com certeza de reflexão para eles, cada um deles poderia estar envolvido naquela trama e ter animado qualquer um daqueles personagens ou se não tivessem poderiam se colocar no lugar deles.

TODAS AS SEARAS EM NOME DO CRISTO

SIS – Trabalho, Caridade e Amor

Ana retornou com Laura ao centro não kardecista, na verdade gostou muito da casa, mesmo estando longe de ser uma irmandade isso ela constatou meses depois, mas como diz o ditado onde houver homens há imperfeição.

Mariângela como sempre muito atenciosa com todos, além de ter plena atenção com os trabalhos da casa para que tudo transcorresse bem, conforme as diretrizes dadas pelo plano

espiritual. Sabia da sua responsabilidade frente a uma casa de trabalho mediúnico, e da seriedade necessária, um dos maiores escudos contra os ataques das entidades menos esclarecidas e que não estão satisfeitas com o trabalho no bem.

Ela convidou Irma e Ana para colaborar nos trabalhos, as duas aceitaram prontamente.

O trabalho de psicofonia havia encerrado e daria início as psicografias. Os papéis, lápis foram colocados sobre a mesa e uma música relaxante envolveu todo o ambiente.

Os médiuns psicógrafos em recolhimento deixaram os braços soltos sobre a mesa com as mãos espalmadas, não tardou vieram às comunicações.

Os demais médiuns, de sustentação, passistas e de incorporação se mantinham em prece.

Ana sentiu a presença de um espírito e lhe serviu de instrumento para ele passar essa psicografia abaixo.

PERDÃO

Ante a Vida – Oportunidade;

Ante aos Companheiros – Renovação;

Ante ao Trabalho – Crescimento;

Ante a Culpa – O Arrependimento;

Ante a Cobrança – O Perdão;

Esta é a oportunidade companheiros de longas jornadas de reparação, de galgar outras paragens.

É no trabalho de borrifar nos corações, esperança;

Podar espinhos e ceifar dores, que estão plantando em caminhos vindouros para vós, flores que colherás em Espírito.

Desviando dos abrolhos vão resgatando as próprias pedras que atirastes.

Enxugando lágrimas, vão secando dentro e fora de vós, culpas e arrependimentos, que encerra à Terra, o Espírito.

Portanto, perante a consciência de quem cobra ou de quem é cobrado a magnitude está num simples ato de Perdão.

Filipi

DEFUMAÇÃO

Após as psicografias deram início a segunda parte dos trabalhos.

Ana observava atenta, tudo para ela era novo e estava sendo uma experiência interessante, primeiro por reencontrar pessoas que conviveram com ela no passado, por quê?

— Porque precisam resgatar juntos ficando quites com a Lei. As pessoas que estão reunidas para efetuar um trabalho seja dentro do centro ou de uma igreja não foi por acaso, há entre elas um comprometimento cármico sério. — Era Daniel seu guia amado. — É preciso ter consciência disso para não desperdiçar a oportunidade. É dentro do seio familiar e do trabalho espiritual que vão se deparar com criaturas e situações que lhes servirá de teste para o crescimento pessoal, veja em cada uma prova, um teste. — Daniel fez uma pausa, começava o trabalho de desobsessão e faziam uma prece.

Ana observa um dos médiuns defumando o ambiente. Não precisou fazer perguntas Daniel escutou sua perquirição.

— Sem julgamentos precipitados. — asseverou Daniel e continuou — A defumação é a combustão de recursos revigorantes do vegetal no ambiente, sabedoria milenar utilizada pelos egípcios, os hindus e outros povos. Adotado pela religião católica nos seus rituais litúrgicos também para a limpeza do ambiente.

— Mas funciona Daniel?

— Sim. Certas ervas têm o poder de elevar a vibração psíquica do ambiente fluídico. Não é uma crendice ou superstição, é um recurso eficaz de harmonização nos dois planos, físico e etérico.

— Mas afugenta os espíritos maléficos?

— Não. Mas a liberação do perfume das ervas funciona para o psique do médium como um bálsamo espiritual homogeneizando assim os pensamentos dentro de uma vibração única para o trabalho, formando uma muralha intransponível.

Mas a combustão de certos vegetais que tem sua aura pesticida como a arruda, erva de santa Maria, pau de bugre, casca de alho dentre outros, com sua queima soltam emanções poderosas erguendo verdadeiras barricadas contra espíritos intrusos, não esclarecidos, ou seja “pesados”, impedindo-os de entrar, pois eles não conseguem ultrapassar a cortina de fumaça, mas apenas pela sua condição de inferioridade.

Para afastar os espíritos maléficos devemos recorrer a prece e a conduta evangélica unicamente. A defumação como disse funciona no psique para harmonização no trabalho espiritual principalmente de magia ou ante-magia, mas a proteção absoluta em todos os lugares é a prece evangélica.

* * *

NOS BASTIDORES DO ASTRAL

O ambiente estava devidamente pronto para a realização dos trabalhos de desobsessão me informou Daniel.

— Relaxe Ana para entrar em ¹ desdobramento.

— Você não pode me mostrar pela vidência?

— Não, deve observar mais profundamente.

Daniel aplicou passes sedativos e o perispírito foi tendo seus laços afrouxados.

— Agora pode ter a visão maior desses trabalhos. Antes que continuemos mentalize um globo rosa rubi em torno de você, que é o raio do amor Crístico.

— Por que se tenho o meu anjo da guarda aqui do lado?

— Porque precisa aprender a se defender e se um dia eu tirar férias o que vai fazer? — Ele brincou, mas retomando a seriedade respondeu. _ Pedro estava junto a Jesus e mesmo assim não ficou imune as forças do mal, ² “Simão, Simão, eis que Satanás reclamou para vos peneirar como o trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua confiança não desfaleça...” — Estarei sempre ao seu lado, mas tens o Livre-Arbítrio de aceitar ou não, abrir guarda ou não as sugestões externas que te julgam e cobra em posicionamentos e atitudes.

Ana se envolveu no raio rosa rubi, Daniel mais uma vez estava certo.

Ela estava num campo de combate. Havia um cerco imenso feito por soldados, com espadas, armaduras, índios com lanças e homens que pareciam gladiadores, eram assustadores.

— Não se assuste eles estão defendendo a casa contra as investidas das forças contrárias.

— Qual é Daniel? Eles parecem com os outros, não dá para saber quem é quem, ou de que lado se estar!

— Pois eles estão defendendo o trabalho, são eles que combatem na linha de frente na mesma força, na mesma vibração, são conhecidos como exus, e você tem também ali os seus protetores.

— Cruz credo!

— Ana são importantes espíritos que trabalham nessa vibração pesada de terra.

_ Não são esses espíritos que fazem mal a troco de comida, bebida? Eles não são nada evoluídos Daniel.

— Me responda, quem é mais ou menos evoluído quem recebeu para matar ou quem pagou para matar? Sabia que o exu que foi designado para estar ao seu lado na mesma vibração terrena, tem você como “mestre”?

— Que?!

— Sim minha querida por que tamanho espanto? São espíritos ainda impregnados pela vibração terrena muito forte e não conseguem ver outro plano a não ser este que estão. Vocês encarnados têm

a responsabilidade de esclarecer esses espíritos, mas através de atitudes corretas, ou seja, o exemplo. Principalmente Ana tenham cuidado com os pensamentos, no pedir.

— Como no pedir?

— Essas entidades não conseguem discernir o que é certo ou errado diante da Lei Moral do Cristo, acham que estão fazendo o bem fazendo a vontade do seu protegido, mesmo que seja cometendo falta contra terceiros. Só que a responsabilidade pelos atos cometidos são de ambos, mas do encarnado digo de passagem, eles são como crianças.

Ana viu uma figura que não lhe era estranha, alto, forte imponente. Em passos largos e firmes caminhava liderando uma legião era Dionísio.

— O que ele faz aqui? — Ela não percebeu fios como teias ligando tudo.

— Tudo Ana está interligado como já vimos, o ontem, o hoje e o amanhã. Esse espírito que conhece hoje como Dionísio está ligado ao Filipi, a Wirnna e uma multidão de espíritos que acompanham os médiuns dessa casa. Está ligado a você, Mariângela, Paulo, Mauricio, Adolfo, Rafael, Sônia, Maria Rosa, enfim a todo corpo mediúnico e pacientes que venham precisar dos préstimos dessa casa, e após receber se tiver previsto pela Lei e pelos Senhores do Carma, se incorporar aos trabalhos, são os chamados pela dor a receber e depois servir.

Voltei ao centro e vejo Filipi, alto, mais ou menos um metro e oitenta e cinco, moreno claro, cabelos castanhos levemente compridos e puxados para trás. Meu chacra cardíaco dispara e sentimentos estranhos de raiva, revolta e ódio me envolvem, torvando minh'alma. Ele me olha, parece entender o que se passa aqui dentro mais do que eu mesma, ele me cumprimenta com a cabeça e segue em direção ao aparelho mediúnico.

Palavras de Filipi

Já acoplado ao médium, Filipi cumprimentou a todos como um verdadeiro gentleman.

— Boa noite a quem é de casa e também para quem pensa que não é de casa.

Vou fazer algumas perguntas, mas não precisam me responder agora, melhor, não respondam para mim Filipi e sim a vocês mesmos. E será cobrado, é uma palavra que soa forte: C-O-B-R-A-N-Ç-A! Mas não se apavorem, as cobranças serão feitas por vocês mesmos no dia a dia, pelas atitudes de cada um, que será atestada a veracidade nas respostas. _ Houve um burburinho entre os médiuns que se entreolharam espantados. Ele continuou.

— Aqui é uma irmandade não é? — Uns balançaram a cabeça afirmativamente e alguns confirmaram com a cabeça, — Então todos se conhecem, você ou você cumprimentou o outro quando entrou? — Filipi não apontou ninguém olhou para todos. — Qual o nome de quem está do seu lado? Irmandade que poucos sabem quem é quem? Pelo menos lá fora está escrito na placa em letra legível para todos que passarem ver, Irmandade. Poderia ser em vez de irmandade, amigos, ou sociedade não importa todas elas significam, união! União? Poderia ter um outro nome bonito qualquer que tivesse essas palavras ou: Centro Espírita Servos do Nazareno, Sociedade Universalista Discípulos do Senhor, Igreja Evangélica Trabalhadores de Cristo, quantos nomes sugestivos não é moço? Como se enche a boca para dizer: — Eu pertencço, faço parte do centro ou da igreja tal. Deveras é um nome sugestivo. Pergunto se retirarem às palavras bonitas da fachada seja do centro, da igreja ou do templo, daqui, e entrar sem rótulo preestabelecido, o que encontrarão? Voltem atrás quando cada um foi chegando e encontrando outros que aqui estavam, sentiram o calor uns nos outros de irmão? Digo sem exceção, sem levar em conta simpatias, olharam uns para os outros como irmãos? Não esqueçam não estou cobrando resposta só estou fazendo perguntas. O que vocês dão uns aos outros darão a quem aportar nesta casa e o que vocês estão dando? E quem vem nesta casa de caridade vem buscando uma palavra amiga, esperança, alívio para suas dores físicas e espirituais, alento para seu desespero. Alguém respondeu sim? — Sim! Encontrarão sim, porque Deus é misericordioso não deixaria ninguém sair daqui sem o conforto, sem o alívio para suas dores, sem esperança! Por isso enviou para trabalhar com vocês os seus pregoeiros mais sublimes nas vestes de um preto velho, de uma vovó, de um mentor compreensível, como uma criança para tocar corações endurecidos. Porque é preciso ser puro como uma criança, depreendido das coisas materiais, de preconceitos terrenos como um preto ou preta velha. Todos esses mensageiros da luz sabem que fora da caridade não há salvação, fora do trabalho não há evolução e fora da humildade não há coesão. Como ser coeso na adversidade de propósito? Se um quer ser mais alto e o outro mais baixo; se um quer opaco e o outro quer brilhante; e outro mais colorido e o outro sem cor? Não tem como fazer união. Porque união se faz quando

vencemos em nós as más inclinações que querem dominar nas reges de nossa vontade. Jesus disse: "Eu e o Pai somos Um" E os espíritos são também um com a vontade do Pai, ou estão caminhando para que assim seja. Eu Filipi, espírito imperfeito estou me esforçando para dominar em mim os vícios que ainda carrego, lapidando no trabalho diário as minhas mazelas, perante a minha consciência e principalmente diante daqueles que um dia ofendi ou me ofenderam. E não estou fazendo apostilado para santo, mas para ressarcir as minhas dívidas e ficar quite com a Lei do amor e da justiça. Sei como é difícil aceitar a imperfeição principalmente quando só enxergamos a alheia, mas elas estão aí para ser trabalhadas dentro e fora de você, nós! Somos trabalhadores de última hora e sem escolhos, porque não há mais tempo para selecionar e será que estamos aptos para selecionar alguma coisa?

Não adianta iludir-se com um comentário de algum consulente sobre uma cura, a solução de algum problema resolvido pela entidade com que trabalha. Já vi muitos médiuns falar de boca cheia que está orgulhoso, pior, se tornando orgulhoso, vaidoso. Sabe que eu gostaria de saber por que? Porque os méritos não lhes pertencem e nem ao espírito que foi portador da bênção, porque eles sabem que existem uma Lei e tudo gira em torno dela. Se houve cura, ou alguém teve seu problema resolvido foi unicamente porque cessou o processo que envolvia o indivíduo. Sabemos, todos nós têm o dever de saber, como São Francisco de Assis, Santo Antonio de Pádua, Clara de Assis sempre se colocaram, sabiam que eram instrumentos do Creador, do Pai.

Muito bem quem pensou isso, _ ele captou algum pensamento de algum médium e respondeu, _ realmente estão fazendo caridade apenas em estarem aqui e emprestando seu corpo para espíritos prestarem a caridade ou receber irmãozinhos sofredores. Estão sendo caridosos, mas com vocês mesmos, porque vocês pensam que são inocentes, não, não somos inocentes! Cada irmãozinho que hoje vocês estão fazendo a "caridade" de acolherem em sua organização mediúnica são espíritos que direta o indiretamente jogaram na lama, feriram. O mérito do espírito e médium está na troca no trabalho de amor dentro da caridade pura e não existe caridade pura na soberba. Ninguém aqui é mais que ninguém, o discípulo não é maior que o mestre e só há Um Mestre e não somos maior que Ele.

Gostaria que pensassem nisso e se conscientizassem que aqui ou qualquer outra casa de trabalho é o buril mais rápido para os tempos chegados, para a remissão das dívidas, mas também o local onde passarão por provas incontestes que dará ou não aval para seguirem livres para apriscos mais felizes. E não adianta se enganarem há olheiros por todos os lados espreitando um deslize de vocês para te empurrarem para o charco.

Filipi

A comunicação cessou e num repente a médium incorporada foi em direção a Ana lhe abraçando demoradamente depois se foi.

— Não foi só a você que ele abraçava. — Comentou Daniel comovido, _ Ele abraçou também aquele que você faz ponte que o tem como inimigo. Onde está o ódio, a raiva que estava sentindo por Filipi?

— Não sei, eu não estou mais sentindo.

— Porque Ana o ódio, a raiva é dele e não sua, quando Filipi a abraçou, Dionísio se desligou. Muitas vezes sentirá esse sentimento e deve trabalhá-lo no amor e no perdão.

_ Eu não estou entendendo Daniel.

_ Tudo tem seu tempo, compreenderá no tempo certo.

(1) Desdobramento -

(2) Bíblia Lucas 22 – 31,32

* * *

E O TRABALHO CONTINUA...

Ela sentiu a ira de Dionísio e seus seguidores, após aquele abraço, sentiu que estava sendo bombardeada mentalmente, recebendo ameaças.

Um deles se aproximou para conversar e o estranho, não tinha um ar ameaçador pelo contrário.

— Me mandaram te dar um recado. — Ana não conseguia ver o rosto do espírito e a voz parecia propositalmente distorcida, como estivesse ocultando algo.

— Se afaste dessa casa, não se intrometa. — A voz daquele espírito não era ameaçadora, era imparcial ou pelo menos tentava ser.

— Por quê?

— Porque assim mandaram. Há uma batalha aqui, há um reino em jogo.

— O reino de Gregório?

— Sabes que sim.

— Eu não consigo compreender, o por que esses dois espíritos se confrontam. — Ela se referia a Filipi e Dionísio.

— Não são só esses dois espíritos, o meu recado está dado.

— Se eu não me afastar?

— Pior para você e para aqueles que estão ligados a você, tem garantias moça?

— Garantias não, mas fé sim. Você não parece ser como eles — Havia outras entidades, parecia nos vigiar.

— Mas sou.

— Por que você não deixa aquele lugar, de servir a Dionísio?

— Tenho dívidas moça. Um irmão está na cadeia você deixaria ele apodrecer lá?

— Não tentaria ajuda-lo. Você tem um irmão preso lá?

— Tenho muitos irmãos. Estando lá damos proteção. _ Ele falava por meias palavras, era bastante enigmático.

— Não estou entendendo, proteção a custa de escravidão?!

— Eu não sou escravo, estou no meio e nas paralelas.

— Continuo não entendendo, como se chama?

— Moça, ainda tens muitas portas para abrir.

— O que me diz de Filipi?

— Só conseguirá alcançar seu intento se dominar a si mesmo, ele conhece onde é fraco e Dionísio sabe também. Sabe que não conseguirá sozinho por isso se desdobra. Ele gostaria de estar onde vocês estão, de ter tido a mesma oportunidade de vida, ele ama a vida! Já falei além do permitido moça, vou seguir meu caminho. — Ana sentiu tristeza em sua voz.

— Gostaria de conversar com você novamente, onde encontra-lo?

— Nos encontramos qualquer dia destes numa esquina da vida.

— Você não me parece serviu?

— Nem tudo é o que parece. Uma flor de dia tem um colorido e a noite outro. — Ele se foi e os outros o acompanharam.

Quem era aquele espírito? Não, ela não sentiu medo dele, apesar do recado, da aparência e tudo mais, ela sentia confiança. Ele parecia ocultar alguma coisa, mas o quê? Estou no meio e nas paralelas, foi o que ele disse, o que quis dizer com isso? Parecia tudo uma loucura, está naquele lugar e ter contato tão estreito com algo que não lhe parecia novo! Ela via muitos caminhos, que se encontravam a outros e naquele momento estava se sentindo numa encruzilhada, seria mais fácil sair dali e nunca mais voltar, na verdade por que estava ali? Eram perguntas que ela não tinha respostas, não naquele momento, como ele disse havia ainda muitas portas para abrir, só restava saber se ela teria coragem de prosseguir encontrar a chave desse enigma e destrancar as portas.

A noite já findava quando Ana saiu, abriu o portão encontrando a liberdade da rua.

Aquela situação para ela era inusitada. Estava dentro de uma vida e tendo lembranças de outras e com acesso quase que direto a uma colônia do umbral, mas por que ela? Tudo estava interligado, os dois lados da vida e ela estava servindo como ponte, isso estava claro demais, mas por que não conseguia ser imparcial? Sim, ela estava dentro do limite e qualquer deslize poderia cair nas garras da obsessão ou pior, possessão e loucura. E a ameaça não se detinha apenas a ela, se estendia aos seus entes -queridos e isso a preocupava.

Dentro do espiritismo convencional, fariam algumas sessões de desobsessão e estaria tudo acabado, será? Seria um alívio! Ela estava consciente que era uma peça naquele labirinto que se apresentava dentro do trabalho de desobsessão, todos que ali trabalhavam eram peças importantes desse lado e dependia de cada um aqui, como se portar diante das situações e uns para com os outros, isso refletiria na colônia de Gregório, no resgate daqueles que estavam lá por nossa causa, como estivemos também. O nosso comportamento aqui ecoava lá dando ou não mais força a Dionísio. E Filipi espírito tinha essa missão, abrir novos canteiros, novos horizontes para essas almas que ele se fez devedor, que ele direta ou indiretamente desviou do caminho, assim como nós também temos o nosso quinhão.

Ela relembra das palavras de Filipi era verdade, o que acontecia ali, também acontecia no centro Trabalhadores do Bem e com certeza na maioria das instituições espíritas ou não. Porque o ego, o personalismo no homem ainda era mais forte que o trabalho que desempenhavam, mais forte que o amor à causa, o amor ao próximo ainda era o amor a si mesmos, as suas vontades, ao orgulho, a vaidade exacerbada. E criavam grupinhos formando patotinhas excluindo aqueles que não correspondiam, fazendo separações entre a melhor mediunidade, a mais importante, o melhor palestrante, o mais antigos na casa podendo os mais jovens, não abrindo espaço como se fossem deter "o poder" eternamente. Na verdade ela tinha sido testemunha nesses anos de caminhada dentro de instituições espiritistas, melhor dizendo, cristãs, infelizmente muitas delas eram verdadeiros núcleos onde reinava a baixa politicagem no qual sobressaiam interesses individuais longe da caridade. Somos imperfeitos sim, mas não é por isso que devemos inibir a vontade de acertar, de fazer valer não só por palavras o "Amai uns aos outros!" Devemos procurar levar isso não ao pé da letra, mas como ele disse, da atitude. E é aquele que temos mais dificuldades de relacionar é com esse que devemos nos esmerar e vencer a nós mesmos. Sei quanto é difícil porque aquela antipatia gratuita não é por acaso, mas também não é acaso aquele indivíduo fazer parte do nosso grupo de trabalho, devemos encarar como oportunidade, como crescimento. Mas fazemos sempre o contrário, nos afastamos ou declaramos a nossa antipatia procurando mil defeitos e desculpas para a nossa covardia de encarar sem máscaras como somos pequenos. Sim Filipi estava certo, não há mais tempo para escolhos, só que somos por demais orgulhosos para recuar, pedir desculpas e recomeçar trabalhando aquele sentimento bruto, hostil, numa bela jóia.

Como teremos competência para falar de amor, fraternidade para os espíritos que nos buscam no trabalho caritativo mediúnico se não temos nem caridade entre nós mesmos? Nós encarnados, sim! Se não somos simpáticos, amáveis com aqueles que vemos, que estão conosco, como poderemos ser com aqueles que não vemos? Se essa caridade, esse amor ao tratar uns aos outros for pura hipocrisia e na condição de espíritos, eles são testemunhas irrefutáveis disso, não nos restando caso seja assim moral alguma, pois estamos a nos enganar, porque a eles, nunca enganaremos.

Pobre daquele que pensa que ninguém está vendo suas verdadeiras intenções, como nos disse Paulo de Tarso ao nosso redor há milhares de testemunhas e eles mais do que ninguém nos conhecem profundamente. Sabe onde estão os nossos pontos fracos, onde pisar em nossos calos para cair à máscara e sermos o que somos.

Quantos espíritos ao desencarnarem não entendem porque foram parar no umbral, se eram tão bons? Bons para si mesmos essa é a verdade e dizem claramente e em alto e bom tom – Mas eu não matei, não roubei, sempre tratei bem meus familiares e amigos! – Que mérito há nisso, é fácil não matar com as próprias mãos, mas a omissão, o silêncio, a indignação perante as guerras, os latrocínios é uma forma de matar, de furtar. Matar as esperanças de um mundo melhor, furtar os sonhos que estão por nascer em uma nova Terra de Regeneração. Não precisa apertar o gatilho para matar e roubar, basta ficar em cima do muro entregando a Jesus, aos espíritos, aos anjos e santos o que está em nossas mãos. Mas isso é para os grandes! Como podemos pensar assim, se a natureza nos dá o exemplo, se as florestas nascem de sementes? E esperando "os grandes" para fazer alguma coisa é que ficamos cada vez mais pequenos espiritualmente. Francisco de Assis fez partindo do pequeno e foi grandioso, o seu feito que ficou como exemplo para toda humanidade.

E nós médiuns, sensitivos ou simplesmente homens e mulheres que acreditam em Deus, em Jesus, esperamos os milagres dos santos, dos anjos, dos espíritos ou à volta de Jesus Cristo, como somos tolos se o milagre está em nossas mãos, na vida que nos foi dada para mudar enquanto aqui estivermos! Sim, me sinto pobre e pequena enfileirando, engrossando, a turma que pensa assim e enquanto assim é, vemos escandalizados as manchetes de jornais e televisão, com se tudo aquilo não fizesse parte do mundo que vivemos, da engrenagem que ajudamos a empurrar. O simples fato de dar um sorriso, de falar um muito obrigado, de cumprimentar uns aos outros é o primeiro passo para

não continuarmos estranhos uns aos outros dentro de uma sociedade ou irmandade cristã, daí para fora dos muros das nossas instituições, de nossa própria casa é um pulo.

Um Amigo? – Outra Comunicação

- Ana sente a presença de um espírito tentando estabelecer comunicação.
- Podemos falar? Sou um amigo.
 - E esse amigo tem um nome, ou veio em nome de quem? – Ela sentiu a vibração pesada do comunicante.
 - Me simpatizo com você, e não vim em nome de ninguém.
 - O que você quer me falar?
 - Estava ouvindo seus pensamentos, são bonitos até, mas para os tempos de hoje é uma utopia. Estou de quando em quando nos SIS, vou lá porque é bom, sinto-me bem. Só que você não tem muitos amigos lá. Tenho pena do Filipi está perdendo tempo, é como jogar pérolas aos porcos entende?
 - Não, não entendo, mas prossiga.
 - Eu sei de sua ligação com eles e por gostar muito de você vou te dar um conselho, sai de lá, continue onde estava, lá não é lugar para você.
 - É, parece que nem meus inimigos ou como você amigo, me querem lá não é mesmo? Como você pode afirmar isso com tamanha certeza de lá não ser o meu lugar?
 - Já lhe disse, eu sou teu amigo. Sei o quanto Michael te feriu com o abandono e vai fazer de novo, não quero vê-la sofrendo Rúbria, ele sente repugnância por você.
 - Ana, meu amigo, hoje sou Sílvia! Por que ele sentiria repugnância por mim, se sou Ana?
 - Os espíritos pensam que conseguem se esconder dentro dos corpos. – Ele sorriu tentando ocultar o desdém e continuou, - vocês no fundo no fundo ainda não se perdoaram, há muita mágoa entre os dois, dele principalmente.
 - Isso não importa.
 - Você sabe que importa. Fuja dele agora antes que seja tarde, o que existia entre ambos de bonito não existe mais, foi sepultado com os corpos daquelas existências.
 - Não vi coerência no que você falou então a impressão de ódio continua a perdurar por numerosas reencarnações, mas a do amor morre com o corpo físico? Por que o ódio seria mais forte que o amor?
 - Porque no ódio não há desejo e no amor da Terra sim, e fios envolvem, prende por desejo, por paixão.
 - Entendi o que quis dizer... Você está certo. — Ela teve que concordar, baixando a cabeça.
 - Se afaste Ana, lá têm muitos inimigos seus.
 - Mas se fosse ao contrário entre amigos seria muito fácil você não acha? — Ele ignorou continuando.
 - Repare nos olhos daquelas mulheres em poucas encontrará sentimento de amizade por você. Elas podem não entender o por que do despeito que nutrem por você, mas é visível, está estampado no rosto delas.
 - Não reparei sinceramente. _ Ela mentiu, já tinha observado.
 - Não espere mais para ver, tenho pena de você se ficar lá, irá sofrer.
 - Quem é você?
 - Já disse minha querida, um amigo.
 - E por que me diz essas coisas, meu amigo?
 - Porque te quero bem e vou te provar que falei a verdade. — Ana não sentiu mais a presença do espírito, ele se foi.
- Que amigo é esse que lhe disse palavras tão duras? Amigo? Talvez inimigo. Sim, inimigo não colocaria pano quente sobre a realidade dos fatos, inegavelmente ele falou a verdade, e a verdade às vezes corta como faca, mas mata a ilusão de uma só vez!
- Ela sentiu o frio em sua alma, mas que o frio daquela madrugada no seu corpo físico.

(1) – Médiuns audientes – Estes ouvem a voz dos espíritos. Algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, assim, travar conversação com os espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela voz. Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve espíritos bons, ou unicamente aqueles por quem chamam. Assim, entretanto, já não é, quando um espírito mau se lhe agarra, fazendo-lhe ouvir a cada instante as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes. O Livro dos Médiuns Allan Kardec Capítulo XIV pergunta 165.

Um Pouco de Purpurina

Chovia fino, com a luminosidade que vinha dos postes a chuva miúda parecia purpurina prateada caindo manso na calçada, noite escura, sem lua... Como o meu coração.

Aquele espírito amigo ou não falou a verdade, tudo que ele dissera ela já tinha percebido. Reencontrar Filipi, Dionísio, Mariângela, e outras pessoas do seu passado e dentro de situações que não vem ao caso expor, principalmente Michael, seria para ela como disse a cigana : - *Quando encontrar parte da mesma parte, fogo do mesmo fogo, encontrarás a alegria e também encontrarás a tristeza. O reencontro será o céu, mas estarão tão longe e tão perto, e o céu será também o inferno.*

— Qual o primeiro ensinamento da Tradição?

— Amar.

— E o segundo?

— Nunca perder a fé, a esperança.

— E o terceiro?

— Lutar como um guerreiro da luz.

— Que fazes de tua espada, de teu emblema e da tua bandeira, guerreira?

— Eu estou aqui Pítón, e aqui as coisas funcionam diferentes!

— Eu sei, mas aí também há magia... Como a purpurina prateada que cai. Quantas sementes irão germinar por causa dela, quantas flores irão desabrochar no raiar do sol em róscidos dourados...

— Aqui não tem poesia.

— Como podes se deixar envolver? Será que não aprendestes a caminhar pelos pântanos sem deixar enxovalhar nada mais que suas vestes? Como podes deixar atingir sua alma? Sabes que não há diferença externa entre o que está nas estrelas e nos abismos, como permitistes sua alma mergulhar neste estado minha criança?

— Gostaria de fechar essa porta e esquecer.

— Você está me dizendo que gostaria de fugir?

— Estou cansada, está além de mim.

— Por que você não disse em vez do além de mim, nós?

— Nós? Não existe o nós.

— Se você acreditar existe. A futilidade é a única barreira que a magia não pode ultrapassar, porque nada dentro dela é mágico, se fores igual aí sim, perderá.

— Perderei o que? — Pítón não respondeu tinha ido como veio.

O vento da madrugada soprou mais forte, varrendo em revoada, papéis e folhas que estavam jogados nos becos, nas sacadas das casas da rua.

Como encontrar? Ela se pergunta, mas a resposta é nada mais que o silêncio.

A magia que perdura por toda eternidade é o amor!

QUANDO FLORIREM AS ALMAS

Ana após um banho quente se jogou na cama e essa nunca lhe pareceu tão aconchegante.

Fechou os olhos tentando relaxar, o final de noite fôra tenso, cansativo.

Aquele espírito que se intitulara seu amigo, era inocentemente malicioso, ela precisava ter mais atenção contra essas investidas e outras que viriam certamente e não tão disfarçadamente assim. Todos nós que trabalhamos na seara de Cristo devemos ficar atentos aos lobos ocultados nas vestes de frágeis ovelhas. As forças contrárias atacavam de todas as maneiras possíveis e tão sutilmente que aos menos atentos quando davam por si já estavam presos em suas malhas. Se todos nós encarnados pudéssemos ver a sua atuação, aparariamos diariamente as arestas que tomam corações, quando a maldade quer inunda-lo de fel jogando uns contra aos outros.

— Daniel eu sei que está aí.

— E feliz por você está enxergando além das aparências.

— Te dou muito trabalho, não é?

— Agora não, porque já aprendeu se levantar após cair e caminhar sem muletas.

— Penso no que Píton falou. Que a única coisa que inibe a magia é a futilidade. Sabe Daniel parece que o homem tem a capacidade de ao sentir ou mesmo recriar seja o que for torna tudo fútil, medíocre, até o amor. E separam tudo, lugares em zona norte, zona sul e tudo que há dentro delas, pessoas em classes, separam lixo. Sabemos que na alquimia do Creador não há mediocridades não há maior nem menor, tudo é, e interage em plena harmonia.

E não há essa de inocentes ou culpados, pelo menos não com a mesma concepção humana, terrena. Estamos experienciando e é comum nas experiências errar e acertar, das duas maneiras se está crescendo do mesmo jeito.

Eu não sei se importa agora da onde vem e sim porque vem e se é bom ou mal, o que importa é se estamos aprendendo com isso.

— Eu entendo Ana, o importante é crescer. Agora descanse nos encontraremos mais tarde.

COLHENDO ALMAS

Ela não demora a cair no sono profundo, de imediato os laços que a prende ao corpo físico são afrouxados e Sílvia sai no corpo perispiritual.

Daniel a envolve com seus braços alados de luz e vão para a Colônia de Gregório onde vive Dionísio. Ele a deixa na colina e sorrindo sobe, cortando o céu como uma estrela cadente.

A penumbra envolve todo o lugar ao longe, ela rever as ruínas onde vive Dionísio, onde ela viveu.

Ana olha ao redor, aquele lugar não parecia pertencer ao umbral, uma luz azul opalina, tênue, envolvia completamente aquele cerro.

Ela vê um homem agachado, a sombra do chapéu esconde seu rosto, Ana se aproxima e não acredita quando o homem ergue a cabeça sorrindo.

— Não falei que nos encontraria por aí. — Ele ignorou o seu espanto, — Este é o nosso canteiro, veja plantei mais sementes, e desde que vocês se foram nasceram mais flores. A minha alegria é ver os brotos buscar a luz saindo da escuridão e do peso da terra que os encerram.

— Não entendo você, está liberto e por que cativo?

— De certa forma não estamos todos libertos e cativos! Sempre nos deparamos com luz e sombra. Sabes que ainda é preciso que seja assim.

— Ele Dionísio sabe, conhece esse lugar?

— Ele sabe que fui, como vocês foram, mas não sabe que ainda estou aqui deste jeito. Este lugar só pode ser visto por aqueles que despertam do sono do sofrimento que aprisiona a consciência. Quando eles despertam, correm para cá fugindo das sombras. Gosto delas – Ele colhe uma flor dando a Ana, — porque me lembra o sol, o calor, a luz. Como aqui não tem sol, elas ficam assim todas voltadas para baixo.

— Como podemos ajudar?

— Plantando juntos hoje os canteiros do amanhã!

Vejo uma mulher correndo desesperadamente atravessando o vale, ela tropeça e cai, não se levanta. Vou até ela, seguro seus braços para erguê-la.

— Me ajude em nome de Deus! – Ela é a mulher que Ana, como Warlla havia levado a loucura.

— Perdão! — As duas se abraçam.

Abraçadas atravessamos juntas o vale das sombras. Entendia agora o porquê estava ali, o porque todos estavam juntos trabalhando na seara terrena. Muitos espíritos do reino de Gregório dormiam como sementes sem forças para romperem as cascas, esperando o calor, à luz de almas amorosas que não desistissem delas. Olhei para aquele espírito plantando sementes e disse que não iríamos desistir apesar das incompreensões, do peso das cobranças, dos ataques das trevas.

Do alto da colina olhávamos o vale das sombras.

Um dia Dionísio e todos da Colônia de Gregório iriam atravessar aquele vale, rumo ao campo de girassóis e partiríamos todos juntos para o sol da eternidade e aí sim seria um até sempre!

Ana Lúcia Marins 26/09/00

Revisado nesta data

Nota: Aqui já tinha dado por encerrado estas mensagens quando voltei a recebê-las novamente para então enfim se dá o desfecho dessa história abaixo.

RECOLHENDO PÉTALAS DO CHÃO

Agora que está livre das teias que mascarou a verdade, agora que estivestes no fundo do posso sabes como subir.

— Subir Daniel pra que? Pensei que tudo estava terminado, psicografei essas páginas, a saga de alguns espíritos e que tudo tinha terminado no "...Até sempre". As ameaças se tornaram reais e o que foi feito? Nada, vocês não fizeram absolutamente nada!

— Você fechou os olhos Sílvia, enxergou o que quiseram que você enxergasse. Deixou que os belos girassóis ofuscassem a verdade, que Mariângela a convencesse com suas palavras bonitas, palavras bonitas fez com que você também fechasse os olhos para suas atitudes. Você só encontrou verdadeiramente Filipi do outro lado e não incorporado, ele não era ele e sim Dionísio.

— Não estou entendendo nada, o que você quer dizer?

— Filipi não está mais incorporando em Mariângela e sim o próprio Dionísio.

— Você está brincando?

— Não, não estou brincando. Só no momento que se deu o abraço entre você e a médium Mariângela que houve a incorporação de Filipi com a médium Mariângela novamente. Você só naquele exato instante incorporou Dionísio que estava mistificando em Mariângela o Filipi. Tanto que após o abraço você não sentiu, mas o ódio, ódio que Dionísio tem por Mariângela.

— Não entendo e Filipi?

— Filipi está em uma colônia no umbral onde você esteve com ele lembra? Saia para fazer o trabalho caritativo no centro, até que a Mariângela abriu a guarda e se entregou as ilusões terrenas servindo aos seus interesses e de Dionísio.

- Tudo que aconteceu, as ameaças que recebi aconteceram, foi real. Por que não fui avisada que passaria por tudo que passei e estou passando? Falta mais alguma coisa?
- Não posso mudar Ana o karma de ninguém.
- Pro diabo o karma, as leis! Eles podem interferir não é? Que os bonzinhos fazem? Nada! E permite que nos tire tudo. Daniel, onde está Filipi? Como ele não está mais incorporando em Mariângela?
- Já lhe respondi Ana. Mariângela se deixou levar pelas ambições terrenas e novamente mais uma vez o poder em suas mãos falou mais alto servindo mais aos propósitos vingativos de Dionísio. Repare como ela consegue através de Dionísio que está se passando por Filipi ter todo o poder concentrado nele conjuntamente com ela.
- Por que Filipi sendo o responsável pelo SIS não combate isso, não luta? Isso que eu ainda não estou conseguindo entender, como ele permite que alguém passe por ele.
- Porque Filipi está em luta interna para dominar suas próprias más inclinações e ainda não se sente forte o suficiente para enfrentar Dionísio.
- Então por que foi colocado a frente de uma casa espiritualista com tamanha responsabilidade?
- Porque é sua oportunidade de remissão.
- Mas o certo não seria estar ele encarnado para se redimir?
- Certamente. Ele encarnará no seu devido tempo juntamente com Dionísio. Certas provas são dadas ao Espírito desse lado da vida e creia é muito mais difícil porque aqui nada está oculto. Prova maior foi dada a Mariângela para se ressarcir perante a Lei, ela escolheu a prova porém está sucumbindo a ela.
- Mas a vi fazendo a caridade.
- As igrejas também o fazem e concomitantemente continuam alienando, prendendo na ignorância e no imediatismo os Espíritos a Terra.
- As ovelhas têm o que comer dentro dos apriscos Ana, atente a isso, e dentro deles elas são protegidas dos lobos pelos cães, mas se o lobo se fizer manso ele não passará por um cão?
- Daniel eu estou confusa.
- Não estou aqui para lhe trazer confusão, mas para pedir que observe mais e tire suas próprias conclusões, para seu crescer nada mais. Ana não se deve entregar cegamente seja no trabalho espiritual, seja no dia a dia, em tudo é preciso discernimento, prudência e equilíbrio. Acredite tudo isso faz parte do crescimento, do amadurecimento do Espírito.
- Você havia me dito que eu tinha conseguido ver além das aparências e agora diz tudo ao contrário?
- Você viu os dois lados de Filipi e não apenas que lhes foi apresentado, que todos pensam que conhece. Viu que Filipi de certa forma é servo e senhor. Ele está lá no reino de Dionísio e só as ocultas se opõem a ele, porque não está forte em si. Sabe que apenas belas palavras não edificam ninguém.

Epílogo

NAS MARGENS DO MAR

Projeto-me até o mar e sento na areia.

Tantas portas que foram e não consigo ver sentido em nada disso, não vejo sentido nesses escritos e não sei para que servem. Estou aqui no mesmo lugar depois de ter acesso a algumas encarnações, de está a vivenciar situações em vários lugares, de conhecer pessoas que estavam ligadas ao meu passado e daí? Para que serve esses escritos?

— Simplesmente para mostrar-lhe que o sentido está sendo traçado por você dia após dia. Que suas lições estão na vida e não nos livros e que suas provas estão com aqueles que estão contigo no caminho. Tudo é perfeito nos livros, nos filmes e basta à vontade do seu criador para fazer um final feliz para estes, só que no livro da vida Ana, não basta à vontade do Creador e sim dos homens. Só estes podem traçar seus destinos, só eles podem abreviar as páginas infelizes nos trâmites terrenos, só eles podem dar ao amor a Essência Divina. Só eles podem traçar outro rumo para a Terra, só eles podem encontrar a saída para saírem e se libertarem, ninguém pode fazer isso por ninguém. Podem ler mil livros, podem buscar toda sorte de ajuda, mas enquanto não encontrarem a Centelha do Creador dentro deles tudo que aprenderem, ou seja, todos os ensinamentos, todas as lições se

tornarão lixo pela inoperância e é uma perda de tempo. Pare e pense nisso. Não importa a ti e nem a ninguém o que é certo ou errado. Muitas vezes você foi forte e outras vezes foi fraca e isso não foi desmerecimento algum. Quantas vezes fora inocente e quantas vezes fora culpada, Ana minha filha não importa, o que importa é o sentido, e esse sentido é aqui e agora. Não se atenha aos seus momentos de fraqueza também isso é humano. Agora preciso ir, mas antes tome é para você, estude-a todos os dias.

—Que isso?

— Uma rosa, aqui está na Terra uma representante perfeita de aceitação e perfeição. Apesar dos espinhos ela sabe por que veio, mesmo com os espinhos é a flor que representa melhor o amor e exala como nenhuma outra seu suave perfume pelos jardins.

Pítón afasta-se, vai a passos largos pela margem até além do alcance das vistas.

Ana olha a rosa e associa a ela todos aqueles que passaram ou estão ainda em seu caminho, porque não olhar para essas pessoas como rosas? Sim rosas, e se são rosas por que continuar olhando mais para os espinhos? E se por acaso elas vierem a nos ferir, é porque elas querem lembrar-nos que são rosas e que precisam de nós para representar o amor, que dependem de nós para fazê-lo. Besteira comparar pessoas às rosas, será? Por que é que Deus criou os espinhos embaixo e não rente a elas? Ah! Ela deu de ombros e levantou-se também.

Passos apressados, ruas cheias.

Olho o sinal verde e atravesso a longa avenida, rostos sem traços definidos atrás dos pára-brisas, e o sol nos faz reflexos deles.

Vejo a igreja de Santa Clara e entro. Vejo o Cristo de braços abertos na cruz, Ele continua ali, parece que nos espera.

Alguém se aproxima e senta ao seu lado.

— Ele espera que nós o tiremos dali, queira Deus que não demore mais dois mil anos. Ele só sairá dali se passarmos a ser Ele, fazer como Ele, amar como Ele.

Ana olha para o homem que está ajoelhado a seu lado.

— Foi você que me perguntou por que não tirava Ele dali, não foi? Pensei nisso por muito tempo e veio essa resposta. Desculpe-me – disse ele estendendo a mão - meu nome é Pe. João.

_ Eu sou Ana...

FIM

Aqui ainda não é o Fim... Porque a Vida é um Eterno Recomeço!